

**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA**



Jorge Filipe Correia Lemos

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO
DESENVOLVIDO NO COLÉGIO DA IMACULADA CONCEIÇÃO COM A TURMA
11ºC NO ANO LETIVO 2011/2012**

COIMBRA

2012

JORGE FILIPE CORREIA LEMOS

2006023061

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO
DESENVOLVIDO NO COLÉGIO DA IMACULADA CONCEIÇÃO COM A TURMA
11º C NO ANO LECTIVO 2011/2012**

Relatório de estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Mestre Antero Abreu

COIMBRA

2012

Esta obra deve ser citada como: Lemos, J.F.C. (2012). *Relatório de Estágio*. Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Jorge Filipe Correia Lemos, aluno nº2006023061 do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea s) do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Diretor do Colégio da Imaculada Conceição, António Franco, que fez com que este estágio fosse possível, abrindo pela primeira vez um Núcleo de Estágio de Educação Física e proporcionando todas as condições para a sua execução.

Agradeço ao Colégio Imaculada Conceição, que me acolheu durante 8 anos da minha vida.

Agradeço a todos os meus antigos professores que se mostraram disponíveis para me ajudarem.

Agradeço ao Orientador da Faculdade, Mestre Antero Abreu e ao Orientador do Colégio, Professor Nuno Amado, pelo incentivo, experiência e conhecimentos transmitidos, disponibilidade e ajuda na minha evolução através das suas críticas construtivas.

Agradeço a todos os Professores de Educação Física pela sua receptividade.

Agradeço aos meus colegas de estágio, Gabriel Gomes e Nelson Matos, pelo companheirismo e entreaajuda.

Agradeço aos alunos do Colégio da Imaculada Conceição por contribuírem para o meu processo de ensino-aprendizagem.

Agradeço à Família por todo o apoio.

Agradeço à Mariana, por toda a paciência, ajuda e afeto.

**A todos vós,
Muito Obrigado!**

RESUMO

O presente Relatório de Estágio foi elaborado no âmbito do 3º e 4º semestre do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Este documento integra uma descrição de todas as aprendizagens e experiências vivenciadas no estágio pedagógico, realizado no Colégio da Imaculada Conceição, com a turma C do 11º ano, referente ao ano letivo 2011\2012. Este relatório tem como objetivo a descrição e reflexão de todas as atividades desenvolvidas durante o estágio pedagógico, assim como as principais dificuldades encontradas e as opções tomadas nas diversas situações. Encontra-se dividido em 3 partes: descrição das atividades desenvolvidas, reflexão sobre todo o trabalho desenvolvido e aprofundamento de um tema. A primeira parte é uma descrição de todas as aprendizagens desenvolvidas, onde encontramos 3 grandes dimensões: planeamento, realização e avaliação. A reflexão é composta pelas aprendizagens realizadas, o compromisso com as aprendizagens dos alunos, inovação das práticas pedagógicas, as maiores dificuldades sentidas e suas formas de resolução e as dificuldades a resolver no futuro ou formação contínua. Por último, a importância da avaliação diagnóstica no processo de ensino-aprendizagem foi o tema que escolhi para aprofundar. Concluindo, a realização do Estágio Pedagógico foi um marco importante para a minha formação como professor, permitindo-me recolher um leque enorme de conhecimentos para desenvolver no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Física. Planeamento. Realização. Avaliação. Estágio Pedagógico. Ensino-Aprendizagem. Ética Profissional.

Abstract

This Internship Report was performed within the scope of the third and fourth semesters of the Master's degree in Physical Education Teaching in Primary and Secondary of the Faculty of Sport Sciences and Physical Education of the University of Coimbra. This document includes a description of all the activities and experiences lived in the teaching practice carried out in the College of Imaculada Conceição with the class C of the 11th grade in the academic year of 2011/2012. This report has the purpose of describe and reflect about all the activities developed during the teaching practice and all the difficulties found and the options made in the various situations that I faced. It is divided in three parts: description of the activities developed, reflection about all the work developed and further development of a theme. The first part is a description of all the lessons learned where we can find three great dimensions: the planning, the implementation and the evaluation. The reflection comprises the lessons learned, the commitment with the learning of the students, the innovation of the teaching practices, the greater difficulties felt and how they can be solved and the difficulties to solve in the future or in the continuous training. Finally the importance of the diagnostic evaluation in the process of teaching-learning was the theme I chose to probe. Concluding the realization of the Teaching Practice was a mark in my formation as teacher since it allowed me to collect a range of knowledge to develop in the process of teaching-learning.

Keywords: *Physical Education. Planning. Implementation. Evaluation. Pedagogical Traineeship. Teaching-Learning. Professional Ethic.*

SUMÁRIO

RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
1 INTRODUÇÃO	1
2 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	2
2.1 <i>EXPETATIVAS INICIAIS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO</i>	2
2.2 <i>PLANEAMENTO</i>	3
2.2.1 PLANEAMENTO DE TODO O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM ..3	
2.2.2 PLANO ANUAL.....	4
2.2.3 UNIDADES DIDÁTICAS	5
2.2.4 PLANOS DE AULA.....	6
2.3 <i>REALIZAÇÃO</i>	7
2.3.1 INSTRUÇÃO.....	7
2.3.2 GESTÃO.....	9
2.3.3 CLIMA/DISCIPLINA	9
2.3.4 DECISÕES DE AJUSTAMENTO.....	10
2.4 <i>AVALIAÇÃO</i>	11
2.4.1 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA.....	12
2.4.2 AVALIAÇÃO FORMATIVA.....	13
2.4.3 AVALIAÇÃO SUMATIVA	13
2.5 <i>COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL</i>	14
2.6 <i>JUSTIFICAÇÃO DAS OPCÕES TOMADAS</i>	15
3 REFLEXÃO	16
3.1 <i>ENSINO-APRENDIZAGEM</i>	16
3.1.1 APRENDIZAGENS REALIZADAS COM O ESTÁGIO.....	16
3.1.2 INOVAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	17
3.2 <i>DIFICULDADES E NECESSIDADES DE FORMAÇÃO</i>	18
3.2.1 DIFICULDADES SENTIDAS E FORMAS DE RESOLUÇÃO.....	18
3.2.2 DIFICULDADES A RESOLVER NO FUTURO OU FORMAÇÃO CONTÍNUA	20
3.3 <i>ÉTICA PROFISSIONAL</i>	20
3.3.1 CAPACIDADE DE INICIATIVA E RESPONSABILIDADE.....	20
3.3.2 IMPORTÂNCIA DO TRABALHO INDIVIDUAL E DE GRUPO.....	21
3.4 <i>QUESTÕES DILEMÁTICAS</i>	21

3.5	CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL.....	24
3.5.1	IMPACTO DO ESTÁGIO NA REALIDADE DO CONTEXTO ESCOLAR ..	24
3.5.2	PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA.....	24
3.5.3	EXPERIÊNCIA PESSOAL E PROFISSIONAL	25
4	APROFUNDAMENTO DE TEMA.....	25
4.1	A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	25
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
ANEXOS		35
	<i>Anexo 1 – História do Colégio.....</i>	<i>36</i>
	<i>Anexo 2 – Caracterização do meio</i>	<i>42</i>
	<i>Anexo 3 – Estrutura Organizativa</i>	<i>43</i>
	<i>Anexo 4 – Caracterização Física</i>	<i>44</i>
	<i>Anexo 5 – População escolar</i>	<i>45</i>
	<i>Anexo 6 – Recursos.....</i>	<i>46</i>
	<i>Anexo 7 – Calendário escolar e Atividades.....</i>	<i>53</i>
	<i>Anexo 8 – Critérios de avaliação</i>	<i>55</i>
	<i>Anexo 9 – Estratégias de ensino</i>	<i>56</i>
	<i>Anexo 10 – Mapa de rotação de espaços.....</i>	<i>59</i>
	<i>Anexo 11 – Plano de aula</i>	<i>60</i>
	<i>Anexo 12 – Avaliação diagnóstica</i>	<i>61</i>
	<i>Anexo 13 – Avaliação sumativa</i>	<i>62</i>

1 INTRODUÇÃO

O presente documento foi elaborado no âmbito da conclusão do estágio pedagógico, realizado no 3º e 4º semestre da unidade curricular Estágio Pedagógico, do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra. Este foi realizado no Colégio da Imaculada Conceição, em Cernache, no ano letivo 2011\2012.

Para Frontoura (2005), “o estágio pedagógico surge como um momento fundamental enquanto processo de transição de aluno para professor, conjugando-se aí fatores importantes a ter em conta na formação e desenvolvimento do futuro professor, entre os quais se salientam o contato com a realidade de ensino, que para a maioria dos estagiários é o primeiro contacto real com a escola”

Deste modo, podemos dizer que o Estágio Pedagógico é o fim de um longo percurso académico, onde adquiri um vasto conhecimento científico e competências. O Estágio Pedagógico é fundamental para o processo de evolução e formação de professores, proporcionando aos estagiários confrontar os conhecimentos teóricos com a prática em contexto real e permitindo desenvolver competências na área da planificação, realização e avaliação da ação educativa. Permite, também, aos professores orientadores do estágio um contato com os mais recentes conhecimentos transmitidos na formação de professores.

Através do Estágio Pedagógico tive a possibilidade de conhecer melhor a escola, o seu corpo docente e discente, e o seu Projeto Educativo.

Neste relatório procuro refletir sobre todo o trabalho desenvolvido, fazendo um balanço das experiências vivenciadas, aprendizagens realizadas e dificuldades sentidas durante o estágio.

Assim, este relatório é constituído pela apresentação das expectativas iniciais, a descrição das atividades desenvolvidas, seguido da reflexão sobre as aprendizagens e, por último, o aprofundamento de um tema, neste caso a importância da avaliação diagnóstica no processo ensino-aprendizagem.

2 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

2.1 EXPETATIVAS INICIAIS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO

O ano de estágio foi uma nova etapa da minha formação académica, logo houve um conjunto de expetativas que se criaram quando estava prestes a enfrentar uma etapa tão importante da nossa formação enquanto docentes. Com o primeiro ano concluído, o Estágio Pedagógico iria proporcionar a oportunidade de aplicar todos os conhecimentos adquiridos ao longo da nossa formação.

Com o aproximar do Estágio, o nervosismo, o receio e a ansiedade foram sentimentos que aumentavam a cada momento que passava, visto que era a primeira vez que me ia deparar com esta nova realidade. No entanto, ao mesmo tempo, representava um desafio o facto de ter de pôr em prática todos os meus conhecimentos. Apesar de todas as dúvidas e sentimentos experienciados, ficava a certeza que este ano ia ser uma experiência única.

Assim, ao chegar ao Colégio da Imaculada Conceição, perspectivava um longo e árduo ano de trabalho, com um leque enorme de tarefas a elaborar por parte dos estagiários. Ao conhecer melhor o colégio, comecei a estabelecer as primeiras impressões com o Núcleo de Estágio, tendo constatado que dois de nós não tinham qualquer experiência no ensino. Contudo, tal não foi visto como obstáculo.

As minhas curiosidades iniciais recaíam essencialmente sobre a turma, uma vez que não sabia que alunos iria encontrar e as primeiras impressões que os alunos iriam ter. A minha maior expectativa era conseguir, no final do Estágio, planear e lecionar uma aula de Educação Física com o mínimo de erros possível, ou mesmo sem erros.

Estabeleci como principais objetivos a concretizar ao longo do ano: observar o máximo número de aulas; aplicar os conteúdos que adquiri ao longo de toda a minha formação académica; ter em atenção o tempo, o espaço de aula, os recursos existentes e a avaliação inicial (nível dos alunos), por forma a otimizar e ajustar a aprendizagem dos objetivos definidos para cada unidade didática; partilhar saberes com os orientadores e restantes elementos do núcleo de estágio; recolher

informação junto dos docentes do Grupo de Educação Física; e adquirir competências no que diz respeito aos cargos de administração escolar.

Quanto ao Núcleo de Estágio, perspectivava um ano de convivência, auxílio, espírito de grupo e colaboração, de modo a podermos enfrentar as dificuldades com maior facilidade e crescermos assim como grupo.

Em relação ao professor orientador esperava que transmitisse toda a sua experiência e conhecimento, de modo a que eu pudesse crescer como docente e ultrapassar as dificuldades sentidas.

2.2 PLANEAMENTO

2.2.1 PLANEAMENTO DE TODO O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Segundo, Jorge Bento (1987), todo o projeto de planeamento deve encontrar o seu ponto de partida na conceção de conteúdos dos programas ou normas programáticas de ensino. O planeamento significa uma reflexão pormenorizada acerca da direção e do controlo do processo de ensino numa determinada disciplina, sendo pois evidente a relação estreita com a metodologia ou didática específica desta, bem como os respetivos programas.

Para Libâneo (1992, p.221), planeamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social.

Segundo Gandin (2005, p. 17), a primeira coisa que nos vem à mente quando perguntamos sobre a finalidade do planeamento é a eficiência, que segundo ele é “a execução perfeita de uma tarefa que se realiza”. Logo, quando se realiza o planeamento o principal objetivo é obter o melhor resultado possível, daí que Gandin aponta que para além da eficiência, “o planeamento visa também a eficácia”.

O planeamento do ano letivo é um processo fundamental e indispensável para o professor. Visa definir com rigor todo o trabalho a desenvolver ao longo do ano. É, deste modo, um procedimento que permite ao professor tomar, de uma forma lógica, todas as decisões necessárias para o planeamento das atividades do ensino-aprendizagem, precavendo de alguma forma os erros e incertezas.

Assim, desde o primeiro dia, os professores estagiários iniciaram todo o planeamento do processo ensino-aprendizagem, começando pela análise do mapa de rotação de espaços para a lecionação das aulas. Com o conhecimento dos Programas de Educação Física, dos recursos materiais e espaciais do colégio, estavam reunidas todas as condições para o núcleo de estágio, em conjunto com o orientador, definirem as matérias a serem lecionadas, as grelhas de avaliação, o modelo de plano de aula, o modelo de relatório de observação das aulas e o plano anual.

2.2.2 PLANO ANUAL

Segundo Bento (2003), a elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objetivos de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano letivo.

A elaboração do Plano Anual para a turma C, do 11º ano, do Colégio da Imaculada Conceição, para o ano letivo de 2011\2012, iniciou-se nas primeiras reuniões do Núcleo de Estágio, com o intuito de definirmos o percurso a realizar durante o ano letivo, ou seja, planificar e estruturar os objetivos que pretendemos alcançar no processo de ensino-aprendizagem.

Analisando o Plano Anual, do mais geral para o mais específico, o Núcleo de Estágio começou por recolher todas as informações acerca da história do colégio (ver anexo 1), a caracterização do meio (ver anexo 2), estrutura organizativa do colégio (ver anexo 3), a sua caracterização física (ver anexo 4), assim como, a sua população escolar (ver anexo 5) e os recursos disponíveis (ver anexo 6). A caracterização da turma também consta no Plano Anual, sendo feita na primeira aula através de um questionário elaborado pelo Núcleo de Estágio, entregue e recolhido por mim, e o posterior tratamento de dados deste questionário. Este documento revela extrema importância uma vez que permite ao estagiário conhecer a realidade de cada aluno, em diversas áreas, pessoal, familiar e escolar, representando assim um instrumento auxiliar na intervenção pedagógica.

Já com o mapa de rotação de espaços e a calendarização do plano de atividades definido pelo Departamento de Educação Física (ver anexo 7), escolheram-se as matérias abordar. Foram escolhidas as seguintes: Basquetebol, Badmínton, Ginástica de Solo, Ginástica de Aparelhos, Voleibol, Andebol, Futebol, Orientação, Ginástica Acrobática e Atletismo. Depois de definidas as matérias o núcleo de estágio preocupou-se em definir os tipos de avaliação (diagnóstico, formativa e sumativa), as finalidades da Educação Física (objetivos comuns a todas as áreas, por área e terminais por área) e os critérios de avaliação (ver anexo 8). Por fim, para alcançar estes objetivos coube, a cada estagiário individualmente, estipular as estratégias de ensino (ver anexo 9) a adotar ao longo do ano.

Para a elaboração de todo o Plano Anual é necessário salientar toda a entreaajuda e colaboração que existiu entre os membros do Núcleo de Estágio, sempre com a aprovação do Professor Orientador.

2.2.3 UNIDADES DIDÁTICAS

Como diz Bento (2003) *“As unidades temáticas ou didáticas, ou ainda de matéria, são partes essenciais do Programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino aprendizagem.”*

Tal como foi referido anteriormente, as Unidades Didáticas foram estabelecidas após a definição dos mapas de rotação de espaços (ver anexo 10) e a calendarização do plano de atividades definido pelo Departamento de Educação Física. Tal processo teve como intuito facilitar a prática pedagógica, visando uma globalização do trabalho a realizar com a turma, conhecendo previamente os recursos humanos, materiais, temporais e espaciais existentes. Através dos documentos relativos a cada Unidade Didática posso aferir o nível de cada aluno, que me permite, posteriormente, realizar um relatório das principais dificuldades sentidas, a fim de adequar a aprendizagem às características de cada aluno.

As Unidades Didáticas eram elaboradas antes do início das rotações, estando contemplado, em cada uma, um conjunto de aspetos fundamentais para a sua planificação, começando por uma breve história e caracterização da modalidade,

regras e pontuação, terminologia material, habilidades motoras, progressões pedagógicas e recursos disponíveis (humanos, materiais, espaciais e temporais). De seguida, com toda a informação necessária adquirida realizou-se a avaliação diagnóstico para aferir os níveis dos alunos, estipular os objetivos a atingir e os conteúdos por aula. A estrutura das Unidades Didáticas conta também com a extensão e sequência de conteúdos, estratégias gerais, relatórios e registos das avaliações (diagnóstico, formativa e sumativa) e o balanço final.

2.2.4 PLANOS DE AULA

Segundo Bossle (2002), o Plano de Aula é a unidade básica de planeamento e uma forma detalhada e pormenorizada do planeamento de ensino adaptado e aplicado à sala de aula.

A conceção do Plano de Aula (ver anexo 11) foi realizada em grupo. Desde cedo, houve a preocupação de criar um documento que incluísse toda a informação necessária e ao mesmo tempo fosse simples e prático. A elaboração dos planos de aula foi, sem dúvida, a atividade realizada com maior frequência. Esta frequência corresponde ao número de aulas lecionadas durante o ano letivo, sendo sujeito a algumas alterações.

A composição do Plano de Aula inicia-se com o cabeçalho, onde está referido o nome do professor orientador e do professor estagiário, o ano letivo, o período, o número da aula, o dia, a hora, a turma, o número de estudantes, a unidade didática, o local e duração, a função didática, o objetivo da aula, o conteúdo e os recursos materiais.

A estruturação da aula estava dividido em três momentos (inicial, fundamental e final), contendo, em cada momento, o tempo total e parcial, as tarefas a desempenhar, os objetivos específicos, a organização, os critérios de êxito e os estilos de ensino.

Por fim, aquando a elaboração destes passos acima referidos, o professor estagiário tinha um espaço destinado à justificação do plano de aula e outro espaço para uma reflexão, feita no final da aula lecionada, para que caso fosse necessário, o professor fazer alguns reajustamentos no planeamento para as aulas seguintes.

Muitas foram as dificuldades sentidas no início do ano letivo na elaboração dos planos de aula, onde a escolha das progressões mais adequadas e a distribuição do tempo em cada tarefa foram fatores que consumiram imenso tempo. O cumprimento do plano de aula também não foi uma tarefa fácil devido às diversas variáveis, tais como: o tempo despendido transições entre tarefas, nas instruções e por vezes, exercícios que não se adequavam às capacidades dos alunos.

2.3 REALIZAÇÃO

A intervenção pedagógica é um dos maiores desafios enfrentado pelos professores estagiários, pois é neste momento que se coloca em prática toda a teoria adquirida ao longo da nossa formação. Ao longo do ano letivo, as quatro dimensões da intervenção pedagógica (instrução, gestão, clima e disciplina) requereram inúmeros ajustes progressivos, o que resultou numa melhoria na lecionação das aulas, uma vez que, por mais bem elaborado que fosse o plano de aula, este só sortiria o efeito pretendido em complementaridade com uma intervenção pedagógica eficaz.

2.3.1 INSTRUÇÃO

A dimensão instrução foi, provavelmente, uma nas quais enfrentei maiores dificuldades, mas na qual, ao mesmo tempo, constatei uma maior evolução. Verificou-se que esta dimensão tinha um carácter fulcral para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Encontra-se dividida em preleção, demonstração, *feedback* e questionamento.

Durante a preleção, procurei expor os objetivos e conteúdos, tentando sempre fazê-lo de forma clara e sucinta, de modo a que fosse o mais perceptível possível para os alunos. No início deparei-me com inúmeras dificuldades quer ao nível do uso da terminologia correta, quer na clareza da descrição das tarefas, quer mesmo na circulação pelo espaço de aula. No entanto, ao longo do ano, fui melhorando

estes aspetos, através da aquisição de mais experiência e confiança. Assim, a minha instrução tornou-se mais clara e concisa.

A demonstração foi essencial no processo de ensino-aprendizagem, visto que a utilizei inúmeras vezes ao longo do ano, tanto no início como durante as aulas. Quando pretendia demonstrar um gesto técnico, de modo que os alunos o assimilassem corretamente, escolhia um aluno que praticasse essa modalidade ou tivesse aptidão para executar a tarefa correctamente. Se tal não fosse possível, demonstrava eu. Por outro lado, se o objectivo fosse que os alunos descobrissem as lacunas técnicas de um gesto, pedia a um aluno, sabendo à partida que ele não o iria executar na perfeição, para demonstrar.

Quanto ao *feedback*, no início da minha leccionação, o seu uso não foi muito regular pelo facto de ter uma maior preocupação com a gestão do clima e disciplina, de modo a ter um bom controlo da turma. Ultrapassada esta fase, e visto que o *feedback* é fundamental para a aprendizagem do aluno, comecei a dar uso, sempre que possível, a um elevado número de *feedbacks*, usando com maior regularidade o descritivo e o interrogativo. Procurei, também, utilizar sempre o reforço positivo de forma a motivar os alunos e assim garantir um maior empenho da sua parte e criar um ambiente positivo. Na ginástica de solo, de aparelhos e acrobática utilizei com muita regularidade o *feedback* quinestésico.

Por último, o questionamento foi, igualmente, um método bastante utilizado por mim, sobretudo nos finais das aulas de modo a testar se os conteúdos abordados na aula tinham sido corretamente assimilados pelos alunos e tal permitia, ao mesmo tempo, estimular as capacidades dos alunos. Por vezes, nas instruções colocava questões a fim de saber se os alunos percebiam as tarefas e ao mesmo tempo se tinham prestado atenção ao que tinha sido referido pelo professor.

2.3.2 GESTÃO

Relativamente à gestão do tempo, este foi um dos aspetos em que consegui mais facilmente enquadrar-me. A preparação prévia do plano de aula permitia uma maximização do tempo de empenhamento motor, uma vez que ficava assim planeada a montagem do material antes da aula, a transição entre tarefas de uma forma rápida, a definição de grupos e de uma sequência lógica de tarefas. Uma boa gestão do tempo de aula reduz o aparecimento de comportamentos de desvio, favorecendo o clima de aula, e facilitando, assim, o controlo da turma. O respeito do tempo de aula é uma realidade a ter em conta, para que os alunos não se atrasem para a aula seguinte, de modo a não serem prejudicados.

2.3.3 CLIMA/DISCIPLINA

A dimensão clima e disciplina tem, também, uma enorme importância para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Deste modo, existiu da minha parte uma preocupação em fomentar, desde cedo, regras e condutas, uma vez que, na reunião de conselho de turma, fui desde logo alertado para o comportamento de alguns alunos.

Em relação à disciplina, a turma mostrou um carácter maduro e de empatia com o professor, não sendo necessário implementar regras demasiado duras, simplesmente foram necessárias algumas conversas individuais no final das aulas para garantir o controlo da turma. Saliento que no início do 2º período, na unidade didática de Andebol, aconteceram alguns comportamentos desviantes, tais como, conversas paralelas, brincadeiras excessivas e arremesso de bolas fora de tempo. Nesta altura senti necessidade de alterar a minha postura e implementar regras e estratégias mais exigentes, como por exemplo, ao som do apito os alunos disponham de 5 segundos para estar junto do professor e quem não respeitasse o tempo tinha de fazer 10 flexões. Tentei, também, sempre que possível, separar os alunos que perturbavam as aulas. Numa fase mais avançada, ao realizar a primeira atividade do projeto e parcerias em Mafra, implementei algumas normas que aprendi, como a punição em grupo.

Quanto ao clima de aula, tentei sempre, dentro das possibilidades, criar um ambiente positivo para a aprendizagem dos alunos, garantindo sempre o controlo da turma. Para que tal se concretizasse, foi necessário adequar as tarefas consoante as capacidades dos alunos, de forma a garantir o sucesso na sua realização, elevando assim os índices de motivação e conduzindo, conseqüentemente, a um maior empenho motor.

2.3.4 DECISÕES DE AJUSTAMENTO

Uma aula para ter índices de sucesso não depende somente de um plano de aula excepcional, mas também da complementaridade entre o plano e as suas decisões de ajustamento, pois só assim será possível manter o nível de aprendizagem dos alunos elevado. São diversas as situações em que um professor tem de efetuar ajustamentos, tais como: número previsto de alunos não ser o esperado; a disponibilidade de espaços que à partida não estavam previstos; a evolução dos alunos.

As decisões de ajustamento que tive de efetuar foram essencialmente no que diz respeito ao número de aulas, à disponibilidade de espaços e à complexificação dos exercícios propostos a fim de manter a motivação dos alunos. Na Unidade Didática de Futebol, por exemplo, foi necessário implementar mais um bloco de 90 minutos, uma vez que, para além da evolução não ser a esperada, a avaliação sumativa iria surgir num momento em que os alunos vinham de um período de férias de duas semanas. Outro facto que levou ao aumento do número de aulas desta Unidade Didática foi a realização de um convite a um treinador de futebol para lecionar uma das aulas. Uma vez que este, por não estar habituado a este nível de desempenho, não conseguiu abordar muitos conteúdos que se tinham programado para essa aula, tivemos que abordá-los na aula seguinte.

2.4 AVALIAÇÃO

De acordo com Ribeiro (1999) *“a avaliação pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções”*. Através da avaliação é possível descrever os conhecimentos, as atitudes e as aptidões que os alunos foram adquirindo ao longo de um determinado período de tempo, bem como as dificuldades por eles reveladas. As informações recolhidas ao longo do processo avaliativo permitem aos professores procurar meios e estratégias que possibilitem auxiliar os alunos a resolver as suas dificuldades. A avaliação tem como objetivos apoiar o processo educativo, fomentar o sucesso dos alunos, permitir certificar as diversas aprendizagens e competências adquiridas pelo aluno e contribuir para a melhoria da qualidade do sistema educativo.

A avaliação é um processo de recolha de informação, assente em determinados referenciais, que permite formular juízos de valor, com vista a uma tomada de decisão.

A avaliação em Educação Física recai sobre os objetivos a atingir assentes numa lógica de ano e de ciclo. Os objetivos permitem esclarecer as qualidades que o professor tem que analisar nos resultados decorrentes da observação dos alunos e, assim, elaborar um juízo relativo às características apresentadas pelos estes. Os resultados provenientes do processo avaliativo deverão contribuir para o aperfeiçoamento do processo de ensino – aprendizagem, bem como informar os alunos de qual o caminho a seguir e o modo como o deverá realizar.

Todo o processo de avaliação tem um carácter não só avaliativo mas também regulador da atividade do professor e do aluno, possibilitando, desta forma, efetuar reajustes dos conteúdos para que os alunos consigam acompanhar as matérias, contribuindo para o êxito do processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Bento (1998), a avaliação em Educação Física desenvolve-se em três domínios: cognitivo, sócioafetivo e psicomotor.

Uma vez que o Colégio goza de autonomia pedagógica desde 2003, por deliberação do Conselho Pedagógico, o modelo de avaliação da disciplina de Educação Física, embora assente nos domínios preconizados por Bento (1998), não utiliza os mesmos desígnios. Para todo o Colégio existe, também por decisão do Conselho Pedagógico, um sistema de avaliação assente em áreas e parâmetros

iguais para todos os departamentos curriculares e grupos disciplinares. Deste modo, os alunos serão avaliados, na disciplina de Educação Física, nos domínios descritos por Bento (1998), tendo estes apenas desígnios diferentes.

O domínio cognitivo (aquisição e aplicação de conhecimentos teóricos) será avaliado através de um teste escrito sumativo, baseado no manual da disciplina adotado pelo Colégio bem como em documentos de apoio fornecidos aos alunos.

O domínio sócio afetivo (valores e atitudes) será avaliado ao longo de todas as unidades didáticas, através dos aspetos descritos no Plano Anual como critérios de avaliação.

O domínio psicomotor (aquisição e aplicação de conhecimentos práticos) será avaliado em função do desempenho motor de cada aluno, no decorrer de cada unidade didática, recorrendo para tal à avaliação diagnóstica e avaliação sumativa.

Desta forma, a avaliação das unidades didáticas decorrerá em três momentos: início, durante e fim do processo, recorrendo, respetivamente, à avaliação diagnóstica, formativa e sumativa.

2.4.1 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

De acordo com o Despacho Normativo n.º 1/2005, de 5 de Janeiro, “*avaliação diagnóstica conduz à adoção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projeto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional. Pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo quando articulada com a avaliação formativa*”.

A avaliação diagnóstica tem como principal objetivo a obtenção de informações acerca dos conhecimentos e aptidões que os alunos dispõem relativamente à modalidade a lecionar, permitindo, assim, determinar o seu nível, tanto individualmente como da turma em geral, no início de cada unidade didática.

Para a sua realização e implementação recorri a uma ficha elaborada para o efeito (ver anexo 12), utilizando para tal a primeira aula de cada unidade didática. Nesta ficha de avaliação são registados os comportamentos observados de acordo com as componentes críticas estipuladas.

A avaliação diagnóstica privilegia a execução analítica dos gestos técnicos de cada modalidade, devendo o professor centrar-se numa apreciação do nível de

competência inicial do aluno na execução das principais componentes críticas do gesto.

2.4.2 AVALIAÇÃO FORMATIVA

A avaliação formativa é realizada no decurso de cada unidade didática, na qual o professor recolhe, dos alunos, todas as informações que entender necessárias, informando-o do seu desempenho psicomotor, cognitivo e sócio afetivo. Permite igualmente determinar o processo de aprendizagem quanto aos objetivos pré-estabelecidos e identificar as principais dificuldades e suas causas.

Permite-nos acompanhar todo processo de ensino-aprendizagem, fazendo os ajustes que se entenderem necessários, quer ao nível dos conteúdos quer ao nível dos objetivos operacionais.

2.4.3 AVALIAÇÃO SUMATIVA

De acordo com o Despacho Normativo n.º 6/2010, de 19 de Fevereiro “ a *avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular*”.

Esta avaliação permite atribuir uma classificação quantitativa aos alunos, resultado da avaliação contínua.

A avaliação baseia-se na observação direta de exercícios realizados com um nível de exigência adequado aos conhecimentos e desempenho dos alunos da turma. Estes dados são registados em grelhas específicas para o efeito (ver anexo 13).

A classificação final contempla os três domínios, tendo cada uma deles pesos diferentes. Cada aluno será avaliado com um determinado valor numa escala de 1 a 20.

2.5 COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL

Nas atividades profissionais, a ética e o profissionalismo funcionam como base para o sucesso de qualquer indivíduo, logo, esta componente teve que ser desde cedo bem assimilada para que existisse um bom funcionamento no desempenho da minha atividade. Foi um dos parâmetros em que senti grande evolução, realizei um esforço redobrado pra adquirir competências de modo a ter um desenvolvimento quer a nível pessoal quer a nível profissional.

A pontualidade e a assiduidade foram dois dos aspetos mais respeitados na minha passagem como docente, pois considero fundamental servirmos como exemplo para os alunos.

A minha segunda preocupação foi a integração no meio escolar, quer com os meus colegas de estágio, quer com o orientador do estágio e mesmo com os professores do Grupo Disciplinar. O coletivo foi um fator muito produtivo ao longo deste ano letivo, permitindo uma reciprocidade de aprendizagens e melhores reflexões acerca do trabalho desenvolvido, uma vez que foi necessário ter total domínio dos conteúdos.

A disponibilidade para os alunos e para a escola foi total ao longo do ano. Tive que conciliar o estágio com a minha vida profissional, o que permitiu um maior desenvolvimento do meu sentido de responsabilidade e da minha capacidade de organizar e gerir o tempo disponível. Em relação aos alunos coloquei-me sempre à disposição para ajudar em tudo o que fosse necessário, tendo acontecido situações em que, no final da aula, me juntava com os alunos para que estes aperfeiçoassem os gestos técnicos em determinadas modalidades. Quanto à disponibilidade para a escola, mostrei-me sempre disposto a ajudar nas atividades proposta pelo departamento de Educação Física e pela Diretora de Turma do 11º C.

Tanto o trabalho individual como o de grupo foi uma mais-valia durante este ano de estágio. Neste ponto importa realçar as duas atividades organizadas pelo núcleo, onde se pôde verificar a importância de toda a união e espírito de grupo.

2.6 JUSTIFICAÇÃO DAS OPCÕES TOMADAS

Este ponto será dividido em três dimensões: planeamento, realização e avaliação.

Para a primeira dimensão, o planeamento, a base de toda a informação foi retirada do Programa Nacional de Educação Física para o Ensino Secundário e do Projeto Curricular de Educação Física, assim como foi consultado o inventário do material, a Caracterização da Turma e o Projeto Educativo da Escola.

Quanto à dimensão da realização, a minha primeira preocupação foi garantir o controlo da turma através da criação de uma clima favorável, o que me permitiu assegurar a disciplina da turma para seguidamente poder interagir de uma forma mais eficaz na intervenção pedagógica. A realização de um balanço no final de cada aula pelo orientador e, por vezes, por parte de outro estagiário, possibilitava uma reflexão mais aprofundada dos conteúdos abordados na aula e também dos pontos fortes e fracos a melhorar nas aulas futuras.

Por fim, na avaliação foram produzidos, pelo Núcleo de Estágio, instrumentos de registo para a avaliação diagnóstica, formativa e sumativa. Com os dados recolhidos e analisados na avaliação diagnóstica foi possível definir as metas a atingir para cada aluno, através da seleção de progressões pedagógicas adequadas para o seu sucesso. A avaliação formativa foi efetuada, sensivelmente, a meio de cada Unidade Didática com o intuito de verificar se era necessário algum ajustamento no planeamento. Em cada período foi realizado um teste teórico e a avaliação final era feita consoante os critérios definidos pelo Departamento de Educação Física.

3 REFLEXÃO

3.1 ENSINO-APRENDIZAGEM

3.1.1 APRENDIZAGENS REALIZADAS COM O ESTÁGIO

O Estágio Pedagógico foi uma experiência marcante na minha vida, uma vez que me fez crescer não só a nível profissional mas também a nível pessoal. Ao longo do ano letivo fui adquirindo conhecimentos e aprendizagens que permitiram que aplicasse no contexto real toda a teoria recebida na minha formação académica. A preparação do ano letivo iniciou-se com a elaboração do Plano Anual de Turma, das Unidades Didáticas e dos Planos de Aula. Para tal, foi necessário um enorme trabalho de pesquisa e gerou, de certa forma, algum nervosismo pela novidade que o desempenho destas funções representava. Contudo, tal sentimento foi rapidamente eliminado com a ajuda do professor orientador. Na elaboração destes documentos. A elaboração destes documentos só foi possível com a ajuda dos outros professores estagiário e com a enorme experiência e conhecimentos transmitidos pelos professores de Educação Física, que permitiu que aprendesse novos conteúdos e aprofundasse conhecimentos já adquiridos.

Um dos aspetos mais importantes do estágio foi, sem dúvida, a leccionação. Esta foi uma nova experiência no meu caminho académico, onde a relação Professor e aluno foi o primeiro obstáculo, devido à pouca diferença etária. Foi uma das muitas adaptações que tive que realizar e que se tornou de certa forma fácil devido à transmissão de estratégias dos professores de Educação Física. A instrução, gestão, clima e disciplina foram as dimensões postas à prova durante o ano letivo, onde aprendi, ao longo do tempo, a adotar uma linguagem mais clara e concisa, usando a terminologia adequada, mantendo a motivação dos alunos elevada de modo a assegurar um bom empenho motor e consequentemente evitar comportamentos de desvio. Por último, na questão do posicionamento e circulação pelo espaço denotei enormes dificuldades, mas com o chamar de atenção pelo professor orientador da escola e pelo professor orientador da faculdade fui melhorando com a prática.

Os diferentes tipos de avaliação foi outra das aprendizagens posta em prática pelo Núcleo de Estágio. A criação de fichas de registo levou-nos a desenvolver a nossa capacidade de observação e de interpretação, através dos critérios previamente definidos, de modo a que posteriormente com os dados recolhidos pudesse ou planear o ensino (avaliação diagnóstica), ou atribuir uma classificação ao desempenho do aluno (avaliação sumativa).

Por seu lado, as atividades organizadas na área de Projetos e Parcerias foram extremamente benéficas. Permitiram-nos desenvolver a noção do que é gerir e organizar um evento, centralizando toda a entretajuda e cooperação entre os estagiários. Com a experiência da primeira atividade, fizemos um balanço para detetar os pontos fracos e fortes a fim de melhorar na segunda atividade. A elaboração de cartazes, fichas de inscrição, pedidos de autorização, entre outros, foram competências que vim a adquirir.

Por fim, o acompanhamento de um órgão de gestão escolar, neste caso, o Diretor de Turma, foi uma experiência inovadora, pois como futuro docente é um cargo que posso vir a desempenhar.

3.1.2 INOVAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A chegada ao meio escolar foi encarada, logo de início, como uma oportunidade de pôr em prática um conjunto de ideias inovadoras trazidas da licenciatura e do primeiro ano do mestrado. Para que o processo ensino-aprendizagem fosse motivante para os alunos, de forma a maximizar o empenho motor, foram elaboradas estratégias que procuraram promover o gosto pela prática desportiva.

A escolha das unidades didáticas foi uma das primeiras preocupações do Núcleo de Estágio, que procurou implementar novas matérias. Dadas as excelentes condições exteriores do colégio, optámos por abordar orientação para dar oportunidade aos alunos de terem contato com uma modalidade desconhecida por estes. A escolha de ginástica acrobática prendeu-se com o facto de poucos alunos terem contato com esta modalidade. Aproveitei também as aulas de crédito para abordar duas matérias nunca antes lecionadas pelos alunos: bitoque rugby e escalada.

A exclusão dos aquecimentos tradicionais e a implementação de jogos lúdicos foram uma das apostas ganhas, uma vez que através deste método consegui ganhar o empenho total dos alunos. Na parte fundamental da aula, consoante as matérias e os objetivos, era realizado o trabalho por estações para garantir a maximização do tempo dedicado ao empenhamento motor.

Na introdução dos conteúdos das unidades didáticas foram utilizadas apresentações em PowerPoint para mostrar de forma mais detalhada o que se iria abordar. Com as enormes lacunas apresentadas pelos alunos na ginástica, e sendo esta uma matéria com um grau de especificidade elevado, optei por mostrar vídeos para facilitar a aprendizagem, bem como colocar documentos colados nas paredes da sala de ginástica com a execução do movimento, componentes críticas e erros mais comuns.

3.2 DIFICULDADES E NECESSIDADES DE FORMAÇÃO

3.2.1 DIFICULDADES SENTIDAS E FORMAS DE RESOLUÇÃO

Muitas foram as dificuldades sentidas ao longo do estágio, sobretudo no primeiro período, fruto da inexperiência e desconhecimento por parte do professor estagiário. As principais dificuldades surgiram nas 3 grandes dimensões: planeamento, realização e avaliação.

As principais dificuldades que senti no planeamento prenderam-se, essencialmente, com as poucas aulas para a prática de cada unidade didática, dificultando assim as tarefas para os planos de aula. Esta dificuldade está relacionada com a falta de tempo que os alunos têm para a prática de cada unidade didática, daí a difícil escolha das progressões pedagógicas a adotar. A respeito da escolha de tarefas, outra dificuldade está na indefinição que por vezes sinto a respeito da exequibilidade das tarefas, fruto do curto conhecimento do potencial dos meus alunos.

Quanto à realização, as principais dificuldades que caracterizaram o arranque da minha intervenção estavam relacionadas com mobilidade do meu posicionamento na execução das tarefas, sendo mais difícil aplicar *feedbacks* de maior pertinência.

Outro aspeto que senti dificuldade na minha intervenção foi na explicação das tarefas a executar, visto que, algumas vezes, após a minha explicação a maior parte dos alunos não compreendia o que era pretendido na tarefa.

A avaliação, destas três dimensões, é aquela com a qual tivemos menos contacto na formação académica. O contacto que tivemos circunscreveu-se, quase que exclusivamente, ao primeiro ano do MEEFEBS, talvez seja devido a este facto que é também a área na qual senti maior insegurança no início do estágio. A pouca experiência no processo avaliativo criou algumas dificuldades na avaliação diagnóstica inicial, sendo difícil de preencher os parâmetros avaliativos no decorrer das aulas de avaliação diagnóstica.

Contudo, para combater estas dificuldades estipulei alguns objetivos que visavam o meu aperfeiçoamento, tais como:

- Ter em atenção o tempo, o espaço de aula, os recursos existentes e levando em linha de conta a avaliação inicial (nível dos alunos), por forma a otimizar a aprendizagem dos objetivos definidos para cada unidade didática;
- Partilhar saberes com os orientadores e restantes elementos do Núcleo de Estágio;
- Recolher informação junto dos docentes do grupo de Educação Física
- Utilizar de recursos que garantam um encadeamento correto nas várias fases e situações de aula;
- Exercitar antecipadamente os momentos de instrução;
- Verificar se os alunos depois da explicação dos exercícios, apresentam dificuldades de realização prática por não compreenderem a instrução
- Obter informação de retorno dos alunos, quanto à compreensão dos exercícios
- Combater a falta de interesse por parte dos alunos através de diálogos motivadores onde explico a importância da Educação Física
- Ter em atenção o uso de *feedbacks* para melhor compreensão dos alunos, tornando-os mais curtos e objetivos
- Maior utilização do questionamento nas aulas, visto que é um bom método de aquisição de conhecimentos teóricos.

3.2.2 DIFICULDADES A RESOLVER NO FUTURO OU FORMAÇÃO CONTÍNUA

Durante o ano letivo muitas foram as dificuldades sentidas, como já foi referido anteriormente, no entanto, mais dificuldades aparecerão num futuro próximo, pois como Professor de Educação Física há sempre mais para aprender e melhorar.

No presente estágio tive a particularidade de lecionar ao 11º ano, no entanto futuramente poderei encarar outros anos de escolaridade, uma escola com particularidades totalmente diferentes ou abordar modalidades com outras características, daí a importância de uma formação contínua para aumentar o leque de conhecimentos.

A ginástica foi uma das modalidades onde denotei maiores dificuldades, especialmente no uso de *feedbacks*, sendo esta talvez uma das minhas prioridades de formação a fim de combater as dificuldades apresentadas no presente estágio. Para além da ginástica, vou dar também grande prioridade nas matérias não lecionadas e nas quais nunca tive qualquer tipo de contato, como por exemplo dança.

Por fim, como na área da Educação Física podemos ser confrontados com o cargo de Coordenador de Desporto Escolar e não tendo qualquer tipo de conhecimentos acerca do seu desempenho é outro dos aspetos a ter em conta.

3.3 ÉTICA PROFISSIONAL

“A ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do «agir profissional» do futuro professor. A ética e o profissionalismo docente são os pilares deste agir e revelam-se constantemente no quadro do desempenho diário do estagiário...” (Silva, et. al. 2010).

3.3.1 CAPACIDADE DE INICIATIVA E RESPONSABILIDADE

No Estágio Pedagógico foi-nos atribuída uma turma para conduzirmos todo o processo de ensino-aprendizagem durante este ano letivo. A transmissão de todos os conteúdos aos alunos, de forma a garantir a sua evolução foi o assumir de uma enorme responsabilidade.

O professor orientador desde cedo deu a liberdade ao Núcleo de Estágio de tomar decisões a fim de inovar o processo de ensino e para a resolução de problemas, não só nos atribuiu sentido de responsabilidade, como nos deu iniciativa para desempenharmos as nossas funções.

Considero que desenvolvi neste estágio a minha capacidade de iniciativa, participando ativamente em todas as atividades desportivas realizadas na escola (corta-mato, no estágio de voleibol em Esposende e torneio de mini-voleibol), nas duas atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Estágio, reuniões de departamento, conselho de turma e reuniões com Encarregados de Educação.

3.3.2 IMPORTÂNCIA DO TRABALHO INDIVIDUAL E DE GRUPO

O planeamento anual deu início à primeira tarefa a realizar em grupo, mas numa fase mais à posteriori tornou-se um trabalho individual, onde cada estagiário ficou responsável em planear para as suas respetivas turmas.

O trabalho individual esteve sempre presente ao longo do ano letivo, dando asas à minha evolução como docente, assumindo a responsabilidade de todas as minhas opções tomadas. As críticas efetuadas pelo professor orientador da escola, o professor orientador da faculdade e pelos outros estagiários mostraram-se relevantes para esta evolução no processo de ensino-aprendizagem.

Quanto ao trabalho de grupo, penso que foi muito importante para a partilha de ideias e opiniões, e, na minha opinião cada estagiário cumpriu com as suas responsabilidades

3.4 QUESTÕES DILEMÁTICAS

Ao longo do Estágio o professor estagiário foi confrontado com inúmeros dilemas que iam surgindo nas variadas dimensões. Estes dilemas foram na grande maioria das vezes resolvidos através de debates entre o Núcleo de Estágio e o professor orientador a fim de encontrar respostas.

O primeiro dilema que surgiu foi após a análise das fichas biográficas entregues aos alunos, onde deparei que 6 alunos dos 18 que constituíam a turma tinham como disciplina que gostavam menos a Educação Física. Procurei desde o

primeiro contacto com os alunos promover o gosto pela atividade física e os benefícios que esta provoca e tentei arranjar estratégias para aumentar os índices de motivação. Dentro destes alunos que gostavam menos de Educação Física, encontrei um aluno que tinha arritmia, mas com o passar do tempo e ao conhecer melhor o aluno, verifiquei que este usava o facto de sofrer desta perturbação para minimizar ao máximo o seu empenhamento motor, uma vez que não gostava da prática de atividade física. No início do ano letivo o aluno recusava fazer qualquer exercício que fosse um pouco mais exigente a nível motor e nos testes de aptidão física recusou-se a fazer a milha. Ao longo do ano e depois de muitas conversas em particular com o aluno, fui conseguindo aumentar a sua motivação e consequentemente o seu empenhamento motor, acabando mesmo por realizar a milha fazendo um tempo modesto. Penso que foi das melhores conquistas deste Estágio Pedagógico conseguir que este aluno começasse a ter gosto pela Educação Física.

A exequibilidade do Programa Nacional de Educação Física um dos dilemas que surgiram, uma vez que as competências definidas são de certa forma desajustadas para a realidade escolar, sobretudo para a turma que tive oportunidade de lecionar, onde estava bem patente a falta de aptidão física e conhecimento das matérias.

A inclusão de grupos de nível foi um dos dilemas levantados desde cedo, uma vez que a criação de grupos de nível homogéneos promove a aprendizagem dos alunos de acordo com as dificuldades de cada um, no entanto, o dilema residia no facto de até que ponto seria benéfico colocar todos os alunos no grupo em vez de distribuir os alunos de uma forma heterogénea? O facto dos alunos estarem distribuídos heterogeneamente não seria benéfico para os alunos com maiores capacidades transmitirem os seus conhecimentos aos colegas menos dotados de forma a ajudar na sua evolução? Este facto não desmotivaria os alunos com maiores capacidades? Através da avaliação diagnóstica verifiquei que tinha uma turma homogénea, logo a criação de grupos de nível não foi necessária, no entanto, na Unidade Didática de futebol, verificou-se alguma disparidade no nível dos alunos, tendo optado por criar grupos heterogéneos, de forma a existir reciprocidade entre os alunos.

Outro dilema foi a execução do aquecimento, optando por o aquecimento tradicional ou o aquecimento específico através de jogos lúdicos. A minha opção foi

a exequibilidade de jogos lúdicos, onde definia objetivos específicos a atingir, regras a cumprir e punições a efetuar.

Os estilos de ensino a usar foram alvo duma grande reflexão da minha parte, pois não sabia quais os mais adequados nas diversas situações. Em estudos aprofundados sobre a questão dos estilos de ensino, Mosston (1992) observou que não existe o melhor estilo de ensino, mas sim, o mais apropriado para alcançar os objetivos estipulados pelo professor. Inicialmente para garantir o controlo da turma optei pelo estilo de ensino por comando, onde todas as decisões eram tomadas pelo professor de forma a ter a turma organizada, uso eficiente do tempo e alto empenho na tarefa. Outro estilo de ensino utilizado no início do ano letivo foi o estilo de ensino por tarefa, de modo a dar tempo ao aluno para trabalhar individualmente e para o professor poder fornecer feedback individualizado. Com este estilo de ensino possibilitei aos alunos alguma independência e autonomia de forma a atribuir responsabilidades nas tarefas a desenvolver. Com o desenrolar do tempo comecei a implementar outros estilos de ensino, tais como: estilo de ensino recíproco, estilo de ensino inclusivo e estilo de ensino por descoberta guiada.

A avaliação foi outro dos dilemas que levantou maiores questões: realizar a avaliação diagnóstica sempre que é introduzida uma matéria ou realiza-se a avaliação a todas as modalidades no início do ano? As matérias a lecionar foram definidas no início do ano letivo consoante o mapa de rotação de espaços, ou seja, estava perante uma organização por blocos, onde tinha que avaliar os alunos no início de cada unidade didática. A utilização deste método não permite planear as modalidades conforme as necessidades dos alunos e o facto de não poder tirar vantagens do *transfer* de modalidade para modalidade.

Por último, a alteração de classificações no Conselho de Turma foi uma realidade que tive oportunidade de passar. As classificações finais são propostas pelos professores, e em Conselho de Turma essa proposta é apreciada, sendo por vezes feita alguma pressão por parte dos outros professores para alterar a classificação.

3.5 CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL

3.5.1 IMPACTO DO ESTÁGIO NA REALIDADE DO CONTEXTO ESCOLAR

No Colégio da Imaculada Conceição, esta foi a primeira vez que o colégio recebeu estagiários de Educação Física, daí ter causado algum impacto no seio do Grupo Disciplinar. A realização do Estágio Pedagógico, no meu entender, acabou por ser benéfica para o Departamento de Educação Física, uma vez que houve um aparecimento de novos métodos de trabalho no processo de ensino-aprendizagem. Com estas novas metodologias foi proporcionado aos restantes professores novas estratégias, a fim de estes inovarem e ao mesmo tempo transmitirem-nos as experiências por estes adquiridas ao longo das suas carreiras como docentes.

O aparecimento de professores estagiários causou também enorme impacto ao nível dos alunos, visto que a diferença etária não era muito diferente, o que no meu entender foi benéfico para a relação professor e aluno, tendo sido criado um clima favorável e respeito entre os intervenientes

3.5.2 PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA

A prática pedagógica supervisionada foi feita pelo professor orientador da escola, sendo uma mais-valia para a formação enquanto professor de Educação Física. A atribuição de autonomia foi um dos fatores que contribuiu mais para a minha formação pessoal e profissional, de forma a num futuro próximo nos possamos adaptar aos diversos contextos escolares. Outro aspeto a salientar foi a capacidade de ajudar e transmitir conhecimentos e competências em situações em que eram denotadas algum nervosismo pela falta de experiência. A observação das aulas por parte do professor orientador da faculdade também foi uma mais-valia pela análise crítica de pormenores fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem.

3.5.3 EXPERIÊNCIA PESSOAL E PROFISSIONAL

O Estágio Pedagógico foi um passo importante para o meu crescimento quer como pessoa, quer como profissional. Para além das amizades criadas ao longo do ano, o contacto com todo o corpo docente do Colégio da Imaculada Conceição fez-me tornar uma pessoa mais sociável. Toda a ajuda prestada pelos professores estagiários e pelo professor orientador fez com que este estágio fosse possível de ser ultrapassado, pondo de lado todos os receios e incertezas sobre as minhas capacidades. O papel do Departamento de Educação Física também contribuiu imenso, pois proporcionaram-me uma excelente adaptação.

A nível profissional, o contacto com o meio escolar permitiu-me alargar o leque de conhecimentos, afim de num futuro próximo poder aplicar a prática pedagógica com maior qualidade. A experiência que tive ao acompanhar o cargo de Diretor de Turma e a organização de eventos foram fundamentais, permitindo aumentar a minha perceção das tarefas a desempenhar.

4 APROFUNDAMENTO DE TEMA

4.1 A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A Avaliação é um processo complexo, que recai necessariamente sobre comportamentos concretos relativos à consecução dos objetivos do processo de ensino realizado. Deste modo, a avaliação deve centrar-se no que se definiu como essencial: implica uma análise cuidada dos objetivos atingidos face aos que haviam sido planeados, permitindo saber quais os que levantaram mais dificuldades (aos quais, de futuro, poderá vir a ser dada maior atenção).

Segundo Rios (2010), é através da avaliação que são descobertas as inovações e as práticas bem-sucedidas, para assim mudar o que não é satisfatório e aprimorar o que ainda na está bem.

Para Kraemer (2006) a avaliação diagnóstica é baseada em averiguar a aprendizagem dos conteúdos propostos e os conteúdos anteriores que servem como base para criar um diagnóstico das dificuldades futuras, permitindo então resolver situações presentes.

A avaliação permite deste modo preparar e acompanhar todo o processo ensino-aprendizagem; sendo o processo de Planificação / Realização / Avaliação um processo unitário, a probabilidade do aluno vir a atingir o êxito é muito superior.

Para que a avaliação seja um meio e não um fim deve dar-se ênfase à componente de diagnóstico inicial e à componente motivadora para que o processo de ensino - aprendizagem obtenha sucesso. Deve ser um processo que visa verificar as mudanças operadas em relação ao comportamento inicial. Planear sem ter conhecimento prévio da realidade do aluno é planear sobre o vazio, logo, as decisões tomadas estão interligadas com o diagnóstico previamente feito, ou seja, não é possível tomar decisões sem um diagnóstico, e um diagnóstico sem tomar uma decisão, é um processo falhado.

Para Bloom (citado por Sant'anna, 1995):“a avaliação diagnóstica visa determinar a presença ou a ausência de conhecimentos e habilidades, inclusive buscar e detetar pré-requisitos para novas experiências de aprendizagem. Permite averiguar as causas de repetidas dificuldades de aprendizagem”.

Segundo Canen (1999, p. 15-16), a avaliação diagnóstica servirá de ajuda ao processo de ensino-aprendizagem: fornecerá aos professores elementos que permitem identificar os conhecimentos prévios dos alunos, bem como os pontos críticos para que se avance na construção do conhecimento, tendo em vista um projeto de escola não - excludente.

A avaliação diagnóstica é de extrema importância, na medida em que ela é o principal elo de ligação para a etapa do planeamento. O professor só pode promover o sucesso pedagógico se reconhecer as principais dificuldades e potencialidades dos seus alunos.

A sua função:

- Determinar a presença ou ausência de pré-requisitos;
- Determinar o nível do domínio prévio;

- Determinar possíveis causas de dificuldades de aprendizagem
- Conhecer o aluno: bagagem cognitiva, habilidades;
- Saber o nível em que os alunos se encontram relativamente aos conteúdos selecionados e prognosticar o nível que os mesmos poderão vir a atingir;
- Possibilita diferenciar os alunos dentro da mesma turma e adequar os objetivos em função das suas capacidades.
- Estimula o crescimento e o fortalecimento das dinâmicas do professor e do aluno;

Todo o processo de ensino-aprendizagem realizado pelo grupo de estágio sofreu grande influência pelas regras estabelecidas pelo grupo disciplinar de Educação Física. Desta forma, a avaliação diagnóstica foi ao encontro da padronização determinada pelas normas do Grupo Disciplinar, estando sujeitos à sua concretização sem possibilidade de manipulação e interferências de nível pessoal.

Momento de aplicação:

Foi realizada na primeira aula de cada unidade didática (UD), sendo que estas estavam organizadas por uma aprendizagem concentrada, o que implicava que as avaliações diagnósticas fossem consumadas à medida que as unidades didáticas fossem aparecendo no planeamento pré-estabelecido pela organização curricular imposta pelo Grupo Disciplinar. Segundo Hayft (1988, p.20), no início de cada unidade de ensino, é recomendável que o professor verifique quais as informações que os seus alunos já têm sobre o assunto, e que habilidades apresentam para dominar o conteúdo. Isso facilita o desenvolvimento da unidade e ajuda a garantir a eficácia do processo ensino-aprendizagem. Assim, as avaliações diagnósticas não foram todas realizadas no início do ano, ou seja, não foram globais (como habitualmente se faz), mas sim ao longo do todo o ano, num momento específico, aquando da introdução de uma UD. Se por um lado, vai contra as indicações patentes no Programa Nacional e possam surgir algumas dificuldades no planeamento de todo o ano letivo logo a partir do início, por outro lado tem como vantagem o facto de os alunos poderem fazer *transfere*s de *skills* motores entre as várias matérias e assim não cometer os erros que teriam efetuado numa possível

avaliação diagnóstica inicial. Isto é, a existência deste tipo de avaliação global no início do ano pode deturpar o processo de ensino-aprendizagem, na medida em que o aluno pode encontrar-se num nível mais elevado do que aquilo que a avaliação diagnóstica realmente expressa, visto que teve uma prática numa determinada modalidade, a qual serviu para dissipar as falhas que o aluno tinha em outra modalidade, fazendo assim o referido *transfer*. Por exemplo, num aluno que tinha erros tanto no drible no basquetebol como no andebol, mas que aprendeu a driblar na UD de basquetebol e que fez o *transfer* para o andebol, não irá apresentar os erros detetados na avaliação diagnóstica, realizada no início do ano.

Referencial:

- Normativo:
 - Determinar uma aptidão;
 - Predizer resultados;
 - Orientar e comparar;

- Criterial:
 - Reformular objetivos;
 - Individualização da aprendizagem

Técnicas a utilizar:

- Observação direta (procedimentos de observação)
- Foram utilizados na sua maioria exercícios em formas jogadas em detrimento dos exercícios analíticos, no entanto, nas modalidades individuais optou-se pela segunda.

Instrumentos a utilizar:

- Grelha de observação, exemplo:

Legenda:

1-não executa, não consegue cumprir os princípios básicos correspondentes a ação motora respetiva.

2-executa, cumpre os princípios básicos da ação motora respetiva, mas com falhas.

3-executa bem, satisfaz os requisitos básicos para um bom desempenho da ação motora.

Justificação da grelha: na consecução da grelha teve-se em conta determinados aspetos, os quais considerei os mais adequados para poder avaliar os discentes de forma coerente e plausível, no sentido de ir ao encontro das necessidades da Educação Física respondendo da melhor maneira possível. Assim, um dos primeiros aspetos a salientar é o facto de se ter optado apenas por fazer uma avaliação diagnóstica num único domínio – o psicomotor. Esta escolha deveu-se à noção de que neste momento tão inicial da minha formação, não tenho a capacidade de observação apurada para detetar um elevado leque de variáveis, assim sendo, preferi ter uma avaliação com menor informação (mais específica), mas muito mais coerente, do que se tivesse optado por uma avaliação mais generalista mas com menos rigor. A avaliação cognitiva foi sendo realizada ao longo das aulas, através do questionamento direto aos alunos.

A avaliação socioafetiva também foi realizada ao longo das aulas, já que esta pode ser, muitas vezes, condicionada pela motivação do aluno para determinada UD. Por exemplo, um aluno pode ter uma motivação extra para praticar futebol, sendo possuidor de um elevado reportório técnico-tático assim como cognitivo, demonstrando um interesse bem acentuado, mas em contrapartida se lhe for apresentada a modalidade de basquetebol ele pode ter um comportamento e conhecimento totalmente oposto ao primeiro.

Para avaliar o domínio psicomotor optou-se por promover situações de jogo, uma vez que, o aluno pode efetuar corretamente um gesto técnico em exercícios isolados, mas perante situações de jogo (é aquilo que se pretende em Educação Física) que envolvem um número ilimitado de acontecimentos não previstos, ele não consegue responder de forma apropriada. Contudo, os parâmetros definidos na grelha foram ao encontro da avaliação por gesto técnico e não por ações. Por último, decidiu-se que a escala de valoração iria constar de 3 valores (não executa, executa e executa bem), isto porque numa avaliação diagnóstica o que se pretende é que o docente fique como uma ideia geral do nível que os alunos possuem, para poder se

necessário fazer reajustamentos aos objetivos selecionados, não interessando efetuar uma avaliação que consista desde o primeiro momento para atribuição de uma nota.

Modo de aplicação do instrumento:

Para determinar a componente técnica e tática dos Jogos Desportivos Coletivos, promover jogos reduzidos em situação de jogo; relativamente aos desportos individuais, fomentar atividades de cariz analítico, uma vez que nestas se torna difícil realizar situações de jogo. Contudo sempre que possível tentar evitar este tipo de acontecimentos e optar por desenvolver pequenos concursos, que permitam avaliar o aluno em situação de competição. Para além de que as situações de jogo fazem aumentar a motivação e interesse nos alunos é também relevante escolher este modo de avaliação, pois permite avaliar as aptidões dos alunos em múltiplas situações que ocorrem durante a prática dos jogos e que estão ausentes nos exercícios analíticos, tais como, a reação do aluno face à oposição de um adversário, à escolha pela ação mais credível, o comportamento perante o erro de um colega de equipa, entre muitas outras. Além do mais, é muito mais fácil realizar qualquer tipo de gesto técnico isoladamente do que em situação de jogo, sendo que o que interessa em EF é promulgação do jogo em si.

Não se efetuou avaliação diagnóstica nas matérias de ginástica acrobática, já que grande maioria dos alunos nunca tinha realizado, bem como, a de orientação que nunca fora abordada, partindo assim o docente do princípio que os alunos se encontram no nível inicial (introdutório). No entanto, com o desenrolar das Unidades Didáticas verificou-se uma diferenciação nos níveis entre os alunos, quer por uns terem mais aptidão para a prática desportiva, quer por terem maior capacidade de retenção e assimilação dos gestos técnicos, no caso da ginástica acrobática. Pude verificar nestas duas Unidades Didáticas a importância da avaliação diagnóstica, onde denotei maiores dificuldades em encaminhar o processo de ensino-aprendizagem.

Os efeitos do resultado da avaliação:

- Verificar quais os elementos em que os alunos possuem mais dificuldades;
- Adoção de estratégias de diferenciação pedagógica,
- Elaborar, adequar e reformular o projeto curricular de turma;
- (Re)definir objetivos;
- Recuperação;
- Agrupamento dos alunos de acordo com o nível de proficiência;
- Identificar causas do insucesso de alguns alunos;
- Elaboração coerente da Unidade Didática

Blaya (2007) ao mencionar a avaliação diagnóstica destaca que: avaliação diagnóstica tem dois objetivos básicos: identificar as competências do aluno e adequar o aluno num grupo ou nível de aprendizagem. No entanto, os dados fornecidos pela avaliação diagnóstica não devem ser tomados como um "rótulo" que se cola sempre ao aluno, mas sim como um conjunto de indicações a partir do qual o aluno possa conseguir um processo de aprendizagem.

A avaliação diagnóstica revelou uma grande homogeneidade na turma, com níveis de aprendizagem idênticos, com exceção na matéria de futebol, em que existiu vincadamente 2 grupos de nível e aí optou-se por um ensino mais diversificado, respondendo às necessidades da turma, mas também do aluno em si (a atividade formativa deve ser tão global quanto possível e tão analítica quanto o necessário).

Vallejo (1979) considera a avaliação diagnóstica como aquela que tem características motivadoras, sendo uma função muito importante, tendo em vista que a avaliação inicial pode ter repercussões na motivação nos alunos. Daí, logo que estavam estipulados os níveis dos alunos procurei planear todo o processo de ensino-aprendizagem de forma a garantir a motivação dos alunos, ou seja, criar exercícios que garantissem o sucesso dos alunos e ao mesmo tempo criar progressões adequadas aos alunos.

Em suma, a avaliação diagnóstica é uma forma de averiguar a posição do aluno:

- Face a novas e anteriores aprendizagens
- Face a anteriores aprendizagens que lhe servem de base

Pode ter lugar em qualquer momento do processo de ensino e aprendizagem

O processo de avaliação diagnóstica envolve:

- Determinação dos pré-requisitos necessários a uma nova unidade de ensino
- Listagem de pré-requisitos
- Definição de uma forma de recolha de dados e instrumentos a utilizar
- Recolha de informação
- Tomada de decisão (definir estratégias de acordo com esse diagnóstico)

Consequências da avaliação diagnóstica:

- Ações de recuperação ou remediação
- Agrupamento dos alunos de acordo com o nível de problemática
- Identificar causas de insucesso de alguns alunos

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física* (3ª Edição). Lisboa: Livros Horizonte.
- Blaya, C. (2004). Processo de Avaliação. *Textos: prática educativa – textos, artigos e reflexões*. Retirado em Junho de 2012 de http://www.ufrgs.br/tramse/med/textos/2004_07_20_tex.htm.
- Bossle, F. (2002). Planeamento de ensino na Educação Física - Uma contribuição ao colectivo docente. *Movimento*, 8 (1), pp. 19 - 42.
- Canen, A. (1999). *Avaliação da aprendizagem em sociedades multiculturais*. Rio de Janeiro: Papel & Virtual.
- Despacho Normativo n.º1/2005, de 5 de Janeiro
- Despacho Normativo n.º6/2010 de 19 de Fevereiro;
- Documentos de apoio da disciplina de Didática da Educação Física e Desporto Escolar, lecionada no 1º ano do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, FCDEF –UC.
- Frontoura, C. (2005). *O estagiário em educação física no processo de estágio pedagógico: A percepção das dificuldades dos estagiários da FCDEF-UC na fase inicial e na fase final do estágio pedagógico*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Gandin, D. (1999). *Planeamento como prática educativa*. (10ª ed.) São Paulo: Loyola.
- Guia Pedagógico do Mestrado 2011/2012.
- Kraemer, M. (2006). Avaliação da aprendizagem como construção do saber. *Educación Superior...Investigaciones y Debates*. Retirado em Junho de 2012 de <http://integral.objectis.net/AvaliarSaberes>.
- Libâneo, J. (2001). *Organização e gestão escolar: teoria e prática*. (4ª ed.) Goiânia: Editora alternativa.
- Mosston, M. (1992). Tug-o-war, no more: meeting teaching – learning objectives using the Spectrum of teaching styles. *Journal of Physical Education, Recreation and Dance*, 63(1).

- Ribeiro, L. (1999). Tipos de Avaliação. *Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora. (pp. 75-92).
- Rios, T. (2010). Ética na escola: repare bem! E avalie. *Revista nova escola. Gestão escolar*, 8.
- Sant'anna, I. (1995). *Por que Avaliar: Como Avaliar?: critérios e instrumentos*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Silva, E; Fachada, M.; Nobre, P.(2010) – *Guia de Estágio 2010-2011*, Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário – FCDEF-UC.
- Vallejo, P. (1979). *Manual de avaliação escolar*. Coimbra: Almedina.

ANEXOS

Anexo 1 – História do Colégio

A Companhia de Jesus tinha sido expulsada de Portugal em 1910, pela Primeira República Portuguesa. A catividade dos jesuítas, ministérios apostólicos, ensino e a formação de novos membros continuou, no exílio, sobretudo em Espanha: S. Martin de Trevejo, La Guardia e Oya. A partir de 1923, começaram a entrar, discretamente, em Portugal, começando pela Póvoa de Varzim (1923), Lisboa e Braga (1925), Porto (1927), Covilhã (1929) e por fim as casas de formação em 1932. O Noviciado e o Juniorado foram instalados num velho convento de Entre-os-Rios que passou, depois, para Guimarães (Convento da Costa), o Colégio de La Guardia foi instalado no Hotel das Caldas da Saúde, perto de Santo Tirso e a Escola Apostólica em Macieira de Cambra. A Nova Constituição da República, promulgada em 19 de Março de 1933, fruto de uma nova mentalidade facilitada pelo golpe de 28 de Maio de 1926, no artigo 45, permite que a Igreja Católica se organize livremente e constitua as suas organizações a que o Estado reconhece existência legal e personalidade jurídica. A Companhia entendeu que estariam automaticamente revogadas as leis pombalinas e o decreto de 8 de Dezembro de 1910. Os jesuítas, atentos a todos os desenvolvimentos políticos sentiam-se claramente abrangidos por este Artigo 45 e começaram a projetar construções próprias e mais adequadas à formação.

A primeira grande construção foi a do Noviciado em Soutelo (Braga) numa quinta oferecida pelos Viscondes da Torre. Mas esta história passa por Cernache! Na Consulta da Província de 16 de Maio de 1942, fala-se da possibilidade de comprar uma quinta para o Colégio da Imaculada Conceição . O P. Geral, P. Janssens, aprovava a ideia e o Assistente escrevia ao P. Provincial a dar ânimo ao projeto. Pôs-se à consideração dos Consultores as diligências que já tinham sido feitas. Havia três quintas à venda, não muito longe umas das outras. Quinta da Machada (com falta de água), a outra em Cernache (muito grande e com água) e a terceira em Condeixa (muito boa e bem cultivada e com um lagar de azeite). Inclinarão-se para Cernache pela facilidade de construir e pela quantidade de madeira que possuía que, por si só, valia o preço. Haveria ajudas para a comprar. Em 18 de Agosto de 1942, o P. Provincial, P. Júlio Marinho, escrevia uma carta ao Superior da Missão da Zambézia, P. José Bernardo Gonçalves, a informá-lo que o subsídio estatal à Companhia, por ser Corporação Missionária, foi destinado, inteiramente, à amortização de um empréstimo que acabaram de fazer para a

compra duma quinta para instalação do Noviciado. Aí pensava-se construir o edifício quando a guerra acabasse.

A escritura da compra da quinta foi feita em 30 de Setembro de 1942. Foi comprada a D. José Manuel Braamcamp de Barahona Fragoso casado com D. Maria Thereza Caldeira Ottoloni de Barahona Fragoso, Condes da Esperança. Estavam representados, legalmente, por procuração, no ato da escritura, pelo filho João Estanislau de Albuquerque e Bourbon de Barahona Fragoso. Acompanhava os jesuítas o Dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho que já em 1901 tinha ajudado a Companhia a elaborar os estatutos da Associação Fé e Pátria, nome pelo qual se deu legalidade, *sui generis*, à Companhia em Portugal. Já tinham sido dados 200 mil escudos como sinal e princípio de pagamento da quantia de 800 mil escudos. A quinta de Cernache, na freguesia de Cernache, concelho de Coimbra constava de casas de habitação, suas dependências, jardim, pomares, mata e tudo o mais que constava na descrição. O Diário da Escola Apostólica de Macieira de Cambra noticia, no dia 18 de Julho de 1942, a compra de uma quinta para Noviciado, em Cernache dos Alhos. A tomada de posse da quinta deu-se em 6 de Outubro de 1942 estando presentes o P. Marinho, Provincial, o P. Cardoso, procurador da Província e outros jesuítas. Poucos dias depois, no dia 10 foi inaugurada a Estação de Cernache. Começou-se a instalação das coisas mais essenciais enquanto se efetuava o despejo do mobiliário do Conde. Substituíram vidros partidos, repararam a instalação elétrica, etc. Desde o princípio tiveram muito boas relações com o Prior de Cernache, P. Joaquim Nogueira Roque, que muito os ajudou. As Irmãs Doroteias prestaram uma preciosa ajuda no aconchego da casa e ofereceram cortinas e alfaias sagradas para a capela. Em Maio do ano seguinte (1943) começaram as observações técnicas para a construção de uma casa. O P. Provincial ao dar a notícia da tomada de posse da casa de Cernache ao P. José Bernardo Gonçalves diz-lhe que a quinta é realmente muito boa, melhor do que ao princípio tinham pensado. Numa outra carta diz-lhe que já estão a levantar a planta topográfica para depois se fazer o projeto do edifício e acrescenta: «quanto mais se adiarem as obras para o Noviciado, mais caras irão ficar». Era o tempo da guerra e a maior dificuldade que se enfrentava era a obtenção de ferro. Entretanto parece que ainda se sonhava com a quinta da Torre em Soutelo, mas constava que a Condessa temia que a Companhia a vendesse.

Em 1944, já se diz que estão a trabalhar ativamente na planta do novo Noviciado, mas que os recursos eram magros para os tempos que corriam. Qualquer construção ficava extremamente dispendiosa. Parecia tudo correr de feição pois a quinta já era visitada pelo P. Severiano Ascona Assistente de Espanha acompanhado do P. Basterra. Na consulta de Julho de 1944, transparece um grande optimismo ao ler-se que havia motivos para que se comesçasse quanto antes as obras e deliberou-se sobre o modo como fazê-las: por conta própria ou através de um empreiteiro? Decidiram que fosse entregue a um construtor. Seria uma casa para Noviços e Juniores e pensavam fazer cubículos e camaratas. Apesar de todas estas decisões, na consulta de Setembro, optou-se por adiar as obras de Cernache. Havia muitas dificuldades. Na consulta de Março de 1945, dá-se a notícia que a Condessa da Torre se inclinava a dar a quinta aos jesuítas e pensaram, então, fazer aí a Escola Apostólica. Quanto a Cernache, já existia uma planta provisória e faziam-se diligências para conseguir participações. O P. Provincial dizia ao P. Gonçalves, em Moçambique, que esperava começar brevemente a construção do Noviciado. O anteprojeto tinha sido amplamente discutido e os engenheiros e arquitetos já estavam a trabalhar diretamente na planta. Diz-se, ainda, que apresentou ao Ministério das obras públicas o anteprojeto para pedir uma participação. Dá a impressão que não se queria desistir do Noviciado em Cernache, mas surgiam dificuldades e outras hipóteses. Na consulta de Julho de 1946 o P. Provincial formulou esta pergunta aos consultores: «Desistimos da construção do Noviciado, dado que se poderia transitar o Filosofado para Coimbra?» Responderam todos negativamente. Há um impasse, mas surgem muitas oportunidades. Falava-se da restituição da casa de Viana. Não viam claro que, na Quinta da Torre, conviesse fazer a Escola Apostólica. Mas, no fundo, o grande problema era o económico. Chegou-se a pensar em voltar novamente para Entre-os-Rios. Em Abril de 1947, a Viscondessa da Torre dá definitivamente o solar com o respetivo recheio e a quinta à Companhia de Jesus. D. Maria Cândida Patrocínio Reimão Malheiro, Viscondessa da Torre, morreu pouco depois, em 5 de Maio, com 88 anos de idade. O Mensageiro do Coração de Jesus, em Agosto, fez-lhe uma singela homenagem, publicando a sua biografia, como benfeitora da Companhia. Em 1949, lançou-se a primeira pedra para a construção do Noviciado em Soutelo e abandonou-se o plano de Cernache. Houve uma paragem em relação a obras em Cernache. Entretanto, algo de novo ia surgindo. Na consulta de 15 de Janeiro de 1953, dizia-se que o P. Geral aprovava a

construção da Escola Apostólica em Fátima, para 250 alunos. Tal construção seria custeada pelo Sr. Conde de Riba d'Ave, Delfim Ferreira, num gesto de gratidão ao P. Abel Guerra por lhe ter descoberto umas minas de ouro. Como se vê, pôs-se em dúvida o projeto de Cernache. Macieira de Cambra não satisfazia e desdobrou-se a Escola Apostólica entre Soutelo e Macieira. Surgia, também, a ideia de anexar pavilhões aos Colégios para os candidatos à Companhia, discordando alguns consultores de Cernache por estar longe de Coimbra.

Finalmente, foi tomada a decisão de se construir um pavilhão em Cernache. No diário da Estação de Cernache consta a chegada, no dia 17 de Março de 1953, dos Padres Cardoso e Abel Guerra acompanhados de um arquiteto e um topógrafo para fazerem o estudo do terreno em ordem à elaboração de uma planta para uma casa a construir ali. O P. Provincial dizia ao P. Gonçalves, em 24 de Dezembro de 1953, que o projeto da obra a construir em Cernache, o Seminário Apostólico, feito pelo Ministério do Ultramar estava quase pronto. No dia 21 de Setembro de 1954, um empreiteiro, um arquiteto, um engenheiro, juntamente com o P. Guerra, marcaram definitivamente o local onde viria a ser construída a casa. A primeira pedra foi benzida e colocada pelo Reverendíssimo Sr. D. Ernesto Sena de Oliveira, Arcebispo de Coimbra, no dia 15 de Dezembro de 1954, estando presentes D. João de Deus Ramalho SJ, bispo emérito de Macau e o Sr. D. Manuel de Jesus Pereira, sendo Provincial o P. José Craveiro. Foi-lhe dado o nome de Colégio da Imaculada Conceição por se viver, na ocasião, o centenário da definição do dogma da Imaculada Conceição. No dia 22 de Agosto de 1955, foi lida a patente de Vice-Reitor do Colégio ao P. Isidro Pereira, que foi elevado a Reitor, no dia 8 de Dezembro do ano seguinte. O P. José Craveiro, por ocasião da celebração dos 75 anos da Província Portuguesa restaurada, fez uma comunicação à Província, na qual, entre muitos outros assuntos, abordou a questão do Colégio Apostólico de Cernache. Esperava inaugurar, em 27 de Setembro desse ano de 1955, o novo Colégio Apostólico para o 1º ciclo dos Liceus. Afirma que foi o P. Geral quem sugeriu a nova modalidade e que se construísse a seu tempo, para os demais anos, novo pavilhão anexo a um dos Colégios, onde os apostólicos pudessem seguir as aulas. A razão principal desta arrojada ideia era o propósito de elevar o nível de recrutamento de modo que qualquer família pudesse entregar os seus filhos à Companhia sem receio de anos perdidos se não perseverassem na vocação. Por outro lado, pretendia-se, com este estilo, conseguir um ambiente de maior liberdade e mais responsabilidade.

Entre 24 e 25 de Outubro de 1955, foram chegando os alunos: 54 no total. O programa escolar seria o liceal, acrescido do latim. No final do ciclo o exame oficial seria feito no Liceu de Coimbra. Os primeiros fizeram-no em 1957. À chegada dos alunos havia ainda obras em metade do pavilhão que terminaram em Maio do ano seguinte. No entanto, ficaram confortavelmente instalados. Davam-se aulas a duas turmas. Uma ficava no estudo e a outra numa sala do primeiro andar. Não faltaram críticas, de alguns saudosistas, ao novo sistema de Escola Apostólica. O sistema não era inovador no contexto da Companhia universal. Fazia parte de um discernimento para acertar no melhor caminho para o futuro. O próprio P. Geral o aprovava e incentivava. Houve, também, quem o elogiasse e visse aqui uma novidade que preparava os jovens educados pela Companhia para os grandes desafios que se avizinhavam. É esclarecedora a notícia que o P. José Vaz de Carvalho dá na revista “Jesuítas” sobre o Colégio. Para ele apresenta a singular modalidade de ser ao mesmo tempo Colégio e Escola Apostólica.

Como bom historiador, o P. Vaz diz que se lhe deu o nome de Colégio por ser mais conforme ao nosso uso tradicional em designar por esta forma os ditos estabelecimentos de ensino. Estava de acordo com o que se pretendia que era identificar o Colégio da Imaculada Conceição no regime externo, disciplinar, aulas, recreios, vestuário, etc. com os outros Colégios, diferindo somente na orientação dos estudos. O Colégio ordinário pretendia uma carreira profana, ao passo que os alunos do novo Colégio sonhavam com a vocação religiosa.

No dia 29 de Dezembro de 1956, foi comunicado o despacho do Ministério da Educação a reconhecer o Colégio para o 1.º e 2.º ciclos dos Liceus com a lotação de 160 alunos, dos quais 126 podiam ser internos. Em 1957, começou a ser construído, no fundo do pavilhão e ligada a ele, a nova ala que se concluiu em Dezembro. A ideia de anexar um pavilhão num dos Colégios existentes, para os candidatos a jesuítas, continuava a ser refletida. Em 1956, pensava-se, seriamente, em construir um pavilhão no Lumiar, junto ao Colégio de S. João de Brito, para os últimos anos da Escola Apostólica. Muitos ainda recordarão o entusiasmo que se viveu, por essa altura, na expectativa de ir para Lisboa. Em 1957, surgiu a ideia de se comprar o hotel das Caldas da Saúde se as condições fossem aceitáveis. Tal ideia não se concretizou. O P. Geral insistia que se aumentasse para 7 anos, em vez de 5, a Escola Apostólica. Ora isso só seria possível contando com um dos Colégios que já tinham tudo organizado.

No final do ano escolar de 1958, fechou a Escola Apostólica de Macieira de Cambra e os alunos que passaram para o 5.º ano vieram para o Colégio de Cernache. Entretanto, tinha-se tomado a decisão de fazer uma construção na quinta do Colégio das Caldinhas para a continuação da Escola Apostólica. Ainda se começou uma planta para pedir um subsídio, mas não houve avanços significativos. Em Maio de 1959, decidiu-se que iriam para o pequeno Hotel das Caldas da Saúde, alugado para o efeito, os alunos que em Cernache estavam a terminar o 3.º e 4.º anos. Os apostólicos, assim conhecidos, entre os alunos do Colégio, estavam um pouco apertados, numa casa tão pequena. Lá se foram adaptando, tanto no Lar, assim chamado, provisoriamente, o Hotel, como no Colégio. O ambiente de abertura, responsabilidade e à vontade que muitos formadores de Cernache facilitaram aos apostólicos habilitou-os a competir, sem complexos, com o ambiente dos alunos do Colégio, tanto nas aulas, como nos recreios e jogos. O Lar manteve-se por alguns anos mais, embora estivesse, na mente dos superiores, a construção de instalações para os apostólicos. Com o evoluir das mentalidades não se deu cumprimento a este propósito e houve alguns apostólicos que regressaram a Cernache para aí fazerem o 3.º ciclo. Finalmente, desistiu-se da Escola Apostólica e o Colégio de Cernache passou a funcionar como Escola da região subsidiada pelo Estado. E foi assim que, a pouco e pouco, com a boa administração de um jesuíta, Diretor do Colégio e antigo aluno dele, se ampliou e chegou a esta bela construção que se vê agora, quase irreconhecível para aqueles que cá chegaram, precisamente em 25 de Outubro de 1955.

Anexo 2 – Caracterização do meio

O Colégio está situado em Cernache, uma pequena localidade de cerca de 4000 habitantes a 4km de Condeixa e 8Km de Coimbra, sede do Concelho. Integrado na rede escolar da Região Centro, serve prioritariamente uma área geográfica circundante de aproximadamente 50 km², acolhendo igualmente muitos alunos provenientes de lugares mais distantes que manifestam interesse no projeto de formação que proporciona.

Perspetivando o futuro, o Colégio, preocupa-se com a melhoria permanente da qualidade da formação proporcionada aos alunos e com uma cada vez maior integração no meio em que se encontra inserido. Simultaneamente investe no aprofundamento dos laços de amizade e colaboração que já proporcionam ao CAIC um ambiente familiar, alegre e descontraído.

O Colégio é um dos três colégios da Província Portuguesa da Companhia de Jesus. Foi inaugurado a 15 de Dezembro de 1954 e tem Contrato de Associação com o Estado Português, desde Outubro de 1978. Trata-se, por isso, de um estabelecimento de ensino gratuito. O lema do Colégio, “Educar para Servir”, que radica profundamente nos valores do Evangelho e no *Ad Maiorem Dei Gloriam* de Santo Inácio de Loyola, fundador dos Jesuítas, é um apelo constante aos educadores para que coloquem ao serviço dos alunos o dom da sua vocação. Sendo o Colégio uma instituição da Companhia de Jesus, este tem como finalidade a formação dos seus alunos como homens autênticos na sua tríplice dimensão: pessoal, social e religiosa.

Na sua dimensão pessoal, um aluno do Colégio deverá ser munido de responsabilidade, liberdade, equilíbrio e maturidade, dotado de imaginação, criatividade, constância e firmeza no trabalho.

No que se refere à dimensão social, o aluno do Colégio deverá ser “um homem para os outros”, dotado de espírito de serviço e amizade, vivendo em solidariedade. Deverá integrar-se na sociedade e ser capaz de transformar as estruturas injustas e opressoras, arriscando e sacrificando os seus interesses pessoais em prol do bem dos outros, principalmente dos mais pobres e dos mais necessitados.

No que toca à dimensão religiosa, ao aluno do Colégio são proporcionadas experiências e vivências que veiculam o sentido cristão da vida, e que o orientam nas relações pessoais com Deus e com os outros.

Anexo 3 – Estrutura Organizativa

Atualmente o Colégio da Imaculada Conceição tem como Diretor Geral o Padre José Carlos Belchior Sj, e como Diretor Pedagógico, o Professor António José Franco. Trata-se do primeiro Diretor Pedagógico leigo, uma vez que, até ao ano letivo anterior, esse cargo fora sempre assumido por Padres jesuítas. Da Direção Pedagógica fazem ainda parte os Diretores do Segundo Ciclo, Professor João Xavier, do Terceiro Ciclo, Professor Nelson Matias e como Diretor do Ensino Secundário, o Professor António Manuel. O Diretor financeiro do Colégio é o Sr. Eduardo Eufrásio.

No que toca ao corpo docente e não docente, o Colégio é constituído por sessenta Professores e vinte funcionários.

No que se refere ao Conselho Pedagógico fazem parte:

António José Franco	Diretor Pedagógico
António Manuel Meneses	Diretor Secundário
Nelson Matias	Diretor 3.º Ciclo
João Xavier	Diretor 2.º Ciclo
Carla Lapa	Coordenadora de Departamento de Línguas Estrangeiras
Maria Cristina Craveiro	Coordenadora de Departamento de Matemática
Maria Alexandra Mendes	Coordenadora de Departamento de Português
Margarida Rodrigues	Coordenadora de Departamento de Ciências e Biologia
Margarida Nascimento	Coordenadora de Departamento de Físico-químicas
Gabriela Patrício	Coordenadora de Departamento de Educação Moral e Religiosa
Maria Adelina Roxo	Coordenadora de Departamento de Artes
Paulo Gonçalves	Coordenador de Departamento de Educação Física
Graça Pita	Coordenador de Departamento de Ciências Sociais e Humanas
Nuno Costa	Coordenador de Departamento de Informática

No que toca aos Grupos Disciplinares, são seus delegados:

Celina Oliveira	Delegada de Grupo de Francês
Paulo Simões	Delegado de Grupo de Geografia
João Xavier	Delegado de Grupo de Filosofia
Rui Pedro Cruz	Delegado de Grupo de Música
Ana Paula Santos	Professora Bibliotecária

Anexo 4 – Caracterização Física

No que toca ao espaço físico do Colégio, este pode considerar-se bem apetrechado, uma vez que disponibiliza uma vasta gama de salas e espaços diversificados, que permitem aos alunos e educadores vivenciarem experiências diferentes e enriquecedoras. Assim, como espaços físicos destacam-se os seguintes:

Anfiteatro exterior – 270 lugares	Sala de Atendimento aos Encarregados de Educação	Gabinete Médico / Gabinete para a Saúde
Auditório – 168 lugares	Pavilhão Gimnodesportivo	Ludoteca
Sala de Professores	Sala de Ginástica	Biblioteca
Capela	Salão de Teatro (250 lugares)	Salas de Informática (2 salas)
Salas de Reunião (2 salas)	Campos de Jogos	Sala de Restauração
Sala dos Alunos do Secundário	Casa da Música (2 salas)	Sala de Educação Especial
Laboratório de Química	Sala dos Campinácios	Gabinete de Espiritualidade
Laboratório de Biologia	Laboratório de Física	Laboratório de Matemática
Espaço “IN”	Refeitório	Bar
Salas de Educação Visual / Desenho / Educação Tecnológica e Educação Visual e Tecnológica	Casa das Palmeiras (alojamento para 32 pessoas em beliches)	Lago (utilizado na prática de Canoagem nas aulas de Educação Física)

Anexo 5 – População escolar

No ano letivo em curso o Colégio possui 819 alunos distribuídos por 28 turmas do ensino regular e 6 turmas dos cursos de educação e formação e cursos profissionais.

No Segundo Ciclo frequentam o Colégio duzentos e vinte alunos. No Terceiro Ciclo, nas treze turmas estudam trezentos e quarenta alunos. No Ensino Secundário estudam cento e setenta e nove alunos, divididos por sete turmas. Nos cursos de Educação e Formação e no Ensino Profissional estudam oitenta alunos.

Anexo 6 – Recursos

HUMANOS

O Departamento de Educação Física é constituído por sete professores, todos eles pertencentes ao Quadro de Nomeação Definitiva do Colégio.

O Colégio dispõe de um Prefeito, responsável pelo pavilhão polidesportivo, arrecadação do material desportivo e zonas desportivas descobertas.

Para além de lecionarem Educação Física, todos os professores são responsáveis por dois grupos/equipa de Desporto Escolar, nas modalidades de Voleibol, Andebol e Xadrez. Alguns professores pertencentes ao Departamento de Educação Física acumulam ainda funções de Diretor de Turma, um de Coordenador de Departamento Curricular e outro, de Coordenador do Desporto Escolar.

ESPACIAIS

O Colégio dispõe de um pavilhão polidesportivo coberto (27mX50m), contendo as seguintes marcações: quatro campos de Voleibol; nove campos de Mini Voleibol; quatro campos de Basquetebol e seis campos de Badminton.. Para além disso, o Colégio possui uma parede de escalada fixa, contendo quatro vias. Anexada ao pavilhão polidesportivo, existe ainda uma sala de Ginástica (20mX12m).

No que se refere às zonas desportivas descobertas, o Colégio dispõe de um campo de Futebol, três campos de Basquetebol, dois campos de Voleibol, uma caixa de saltos e uma pista de corrida de velocidade.

Para que os alunos se possam equipar e desequipar, o Colégio disponibiliza quatro balneários masculinos e quatro femininos. O Colégio dispõe ainda de um gabinete médico, dois gabinetes de Professores e dois gabinetes de Prefeitos.

MATERIAIS

No que diz respeito aos recursos materiais, o primeiro a ser utilizado foi toda a documentação existente no Colégio, nomeadamente a que diz respeito ao Departamento de Educação Física (Projeto Curricular de Educação Física, o Regulamento de Educação Física, o Programa Nacional de Educação Física para o Ensino Secundário e o Projeto Curricular de Escola).

No que concerne ao material desportivo, o Colégio dispõe do seguinte:

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
BASQUETEBOL	 Bolas Molten	6
	 Bolas Mikasa	6
	 Bolas Kipsta	12
	 Bolas Molten (em stock)	14
	 Tabelas (de interior) (oficiais)	2
	 Tabelas de exterior	6
	 Tabelas fixas Ginásio	8
	 Carros para bolas	2
	 Campo de Basquetebol (interior)	4
	 Campo de Basquetebol (exterior)	3

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
FUTEBOL	 Bolas Nike	20
	 Bolas Adidas (Futsal)	8
	 Bolas Nike (em stock)	4
	 Bolas Adidas (Futsal) (em stock)	7
	 Bolas Molten (Futsal) (em stock)	2
	 Balizas de futebol de 11	2
	 Campo de futebol de 11	1
	 Balizas de futebol de 5	6
	 Campo de futebol de 5	3

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
CORFEBOL	 Mikasa	1
	 Cestos com base	2

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
ATLETISMO	 Blocos de partida	4
	 Barreiras	20
	 Postes de salto em altura	2
	 Fasquia de salto em altura	1
	 Elástico (para salto em altura)	1
	 Dardos	10
	 Testemunhos	16
	 Pesos de 1Kg	2
	 Pesos de 2Kg	3
	 Pesos de 3Kg	3
	 Pesos de 4Kg	2
	 Pesos de 5Kg	3
	 Pesos de 6Kg	2
	 Pesos de 7Kg	1
	 Discos de 1Kg	2
	 Discos de 1,5Kg	2
	 Discos de 2Kg	2

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
VOLEIBOL	🚩 Bolas Molten	10
	🚩 Bolas Mikasa	10
	🚩 Bolas Mikasa MG MVL 2001 (em stock)	2
	🚩 Bolas Molten (em stock)	5
	🚩 Bolas Mikasa MVP 200 (em stock)	2
	🚩 Bolas Sportzone (em stock)	10
	🚩 Bolas Kipsta (em stock)	9
	🚩 Campo de Voleibol (interior)	4
	🚩 Campo de Voleibol (exterior)	2
	🚩 Rede (campo interior)	8
	🚩 Rede (campo exterior)	3
	🚩 Rede (campo de mini voleibol)	9
	🚩 Varetas	5 pares
	🚩 Postes (campos interiores)	6
	🚩 Postes (campos exteriores)	4

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
BADMÍNTON	🚩 Redes	3
	🚩 Postes	3
	🚩 Raquetas	26
	🚩 Volantes	30
	🚩 campos	3

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
CANOAGEM	🚩 Canoas duplas	20
	🚩 Canoas individuais	1
	🚩 Pagaias	21
	🚩 coletes	21

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
ESCALADA	 cordas	4
	 Boudrier	9
	 Mosquetões	15
	 Express	5
	 "Oitos"	6
	 Gri gri	2
	 Roldanas	4
	 Cintas	1
	 Parede de escalada	1
	 Vias de escalada	4

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
BOLAS DE RAGUEBY	 Borracha (Gilbert)	1
	 Couro (Gilbert)	3

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
CORFEBOL	 Mikasa	1
	 Cestos com base	2

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
GINÁSTICA	Colchões	25
	Plinto	2
	Plinto de espuma	1
	Banco sueco	3
	Trampolim reuther	1
	Trampolim sueco	2
	Mini trampolim	2
	Trave olímpica	1
	Barra fixa	1
	Bock	1
	Colchão de quedas	5
	Bola medicinal	14
	Espaldar	3
	Tapete	1
	Arcos	20

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
"DIVERSOS"	Fita métrica	2
	Painéis rolantes para divisão de campos	10 14
	Pinos sinalizadores	4
	Mesas/cadeiras	4
	Marcador de mesa (pontos/golos)	1
	Megafone	20
	Carros para bolas	

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
ANDEBOL	 Bolas Borracha (branca/vermelha)	20
	 Bolas Borracha (Andebol Praia)	5
	 Bolas Bambis – Azuis borracha	10
	 Bolas Bambis - Laranja borracha	2
	 Bolas Infantis	40
	 Bolas Iniciados	23
	 Bolas Juvenis / Juniores / Séniores	28
	 Bolas Borracha (amarelo) KATZ nº1	10
	 Bolas Borracha (amarelo) KATZ nº1	10
	 Bolas Penalty (DE) n.º 1	2
	 Bolas Penalty (DE) n.º 2	2
	 Bolas Penalty (DE) n.º 3	2
	 Bolas Molten nº2	9
	 Bola oficial para jogo (n.º 1)	1
	 Bola oficial para jogo (n.º 2)	1
	 Bola oficial para jogo (n.º 3)	1
	 Balizas de alumínio	2
	 Balizas de ferro	2
	 Balizas de Mini Andebol	2
	 Redes de baliza	8
	 Fixador com varão roscado	8
	 Campo de Andebol (interior)	1
 Campo de Andebol (exterior)	1	

Anexo 7 – Calendário escolar e Atividades

	Início	Fim
1.º PERÍODO	16 de Setembro de 2011	16 de Dezembro de 2011
2.º PERÍODO	3 de Janeiro de 2012	23 de Março de 2012
3.º PERÍODO	10 de Abril de 2012	08 de Junho de 2012

5 de Outubro	Feriado Nacional
1 de Novembro	Feriado Nacional
1 de Dezembro	Feriado Nacional
8 de Dezembro	Feriado Nacional
19 de dezembro a 02 de Janeiro	Férias de Natal
20 a 22 Fevereiro	Carnaval
26 de Março a 09 de Abril	Férias da Páscoa
16 de Abril	Feriado Local
25 de Abril	Feriado Nacional
1 de Maio	Feriado Nacional
7 de Junho	Feriado Nacional

DESPORTO ESCOLAR			
ATIVIDADE	DATA	PÚBLICO-ALVO	RESPONSÁVEL
Corta – Mato Escolar	07/12/2011	Alunos do 2.º CEB Outros Alunos inscritos	Coordenadora DE
Semana da Educação Física	26 a 27/04/2012	Comunidade Educativa	Coordenador DC
Corta – Mato Distrital	A definir pela DREC	Alunos apurados na fase de Escola	Coordenadora DE
Mega Sprint	A definir pela	Alunos apurados na	Coordenadora

	DREC	fase de Escola	DE
Nestum Râguebi	A definir pela DREC	Alunos inscritos	Coordenadora DE
Compal Air	A definir pela DREC	Alunos inscritos	Coordenadora DE
“O Jogo na Escola”	A definir	Alunos selecionados	Coordenadora DE
Taça Coca - Cola	A definir	Alunos selecionados	Coordenadora DE
Torneios Gira-Vôlei	A definir pela FPV	Alunos inscritos	Coordenadora DE
Torneios Inter - Turmas	A definir	Todos os Alunos	Coordenadora DE
Gira Vôlei	18 de Abril	Alunos das escolas limítrofes do Colégio	Núcleo de Estágio
O que é a Tropa	3 e 4 Maio	Alunos do 11.º ano	Núcleo de Estágio

Anexo 8 – Critérios de avaliação

ÁREAS	PARÂMETROS	INDICADORES	ENSINO SECUNDÁRIO	
DIMENSÃO COGNITIVA	AQUISIÇÃO E APLICAÇÃO DE CONHECIMENTOS	Conhecimentos (Avaliação escrita)	15%	90%
		Aptidão Física (Testes de Condição Física)	5%	
		Atividades Físicas (Avaliação prática)	70%	
	ORGANIZAÇÃO E APLICAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Presença do material necessário à realização da aula • Assiduidade • Pontualidade 	2,5%	
	INTERESSE E PARTICIPAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Sabe pedir ajuda quando necessita. • Atenção manifestada • Intervenções orais (frequência e qualidade) • Iniciativa e criatividade • Envolvimento/cumprimento das actividades propostas 	2,5%	
DIMENSÃO PESSOAL E SOCIAL	VALORES E ATITUDES	<ul style="list-style-type: none"> • Ponderação/equilíbrio na relação com Professor e Colegas • Reconhecimento da diversidade e sentido de entreajuda e solidariedade • Trabalho em grupo • Cidadania responsável • Atitude de respeito, verdade e diálogo 	5%	

Anexo 9 – Estratégias de ensino

ESTRATÉGIAS GERAIS

A primeira aula de cada unidade didática será dedicada à realização da avaliação diagnóstica dos alunos, com o objetivo de avaliar o nível em que a turma se encontra em cada uma das matérias de ensino. A avaliação realizada irá permitir a planificação das atividades a desenvolver, em função do nível dos alunos, e utilizar as estratégias mais adequadas de forma a contribuir para o sucesso e persecução dos objetivos previamente estabelecidos. Deste modo, serão propostas tarefas com diferentes graus de dificuldade, adequadas aos diferentes níveis de execução existentes na mesma turma. O grau de complexidade e especificidade das tarefas propostas irá aumentar gradualmente e de forma progressiva no decurso das aulas.

As matérias serão abordadas, do simples para o complexo e do mais significativo para o menos significativo. No entanto, os conteúdos técnicos serão abordados em duas etapas distintas. A primeira é constituída por exercícios critério, onde se pretende ensinar as principais componentes críticas dos vários elementos/gestos técnicos a ensinar e a segunda é constituída por exercícios, onde o aluno realiza o elemento/gesto técnico na sua totalidade.

Com os resultados recolhidos da avaliação diagnóstica, pretendo criar grupos, para assim:

- Contribuir para que o tempo de empenhamento motor seja igual para todos os alunos;
- Promover a cooperação entre os alunos, de modo a que os que têm mais dificuldades sejam ajudados pelos colegas com menos dificuldades, funcionando os alunos como agentes de ensino.

No sentido de proporcionar tarefas adequadas aos diferentes níveis de prestação dos alunos, e garantir igual tempo de prática aos mesmos irei, sempre que possível, utilizar o trabalho por estações.

Procurarei criar rotinas de comportamento, antes, durante e depois da aula, de modo a rentabilizar ao máximo o tempo de aula.

Os objetivos comportamentais serão organizados segundo uma sequência lógica de aprendizagem, cuja evolução dependerá da capacidade de assimilação dos alunos e aquisição dos comportamentos motores.

ESTRATÉGIAS ESPECÍFICAS

Nas aulas de Educação Física, a segurança assume um lugar de grande importância. Cabe ao professor assegurar que as suas aulas decorram em segurança, para que a integridade física dos alunos não seja colocada em risco. O professor deverá consciencializar os seus alunos para o cumprimento de determinadas normas, procurando evitar situações potencialmente perigosas e causadoras lesões graves. Deste modo, é muito importante conhecer e aplicar as normas e princípios básicos de segurança:

- Promover a ativação geral no início da prática desportiva;
- Verificar, no início de cada aula, a existência de objetos que prejudiquem o desenrolar da mesma e que possam provocar lesões;
- Verificar e preservar o estado de conservação do material desportivo;
- Não permitir a utilização de relógios, fios, pulseiras, brincos ou outros objetos perigosos para aluno ou para os colegas;
- Não permitir aos alunos a realização das atividades com as sapatilhas desapertadas;
- O professor deverá ser o primeiro a chegar ao local onde a aula se realiza e o último a abandoná-lo.

No que se refere à organização, no início de cada aula procurarei colocar os alunos sentados à minha frente, virados de frente para mim, para que possam responder à “chamada” e prestar atenção às indicações que lhes forem dadas.

No início de cada aula procurarei estabelecer a ligação entre os conteúdos abordados na aula anterior e os conteúdos e objetivos da aula. Para o efeito, procurarei utilizar uma linguagem simples e direta.

Para a explicação dos gestos técnicos utilizarei a demonstração realizada por mim ou pelos alunos, fazendo sempre referência às componentes críticas dos gestos. Utilizarei também meios gráficos e/ou audiovisuais.

Procurarei também utilizar os alunos como agentes de ensino.

Durante o aquecimento procurarei estimular as capacidades físicas específicas para cada modalidade e mobilizar os principais grupos musculares envolvidos nas tarefas da aula. Sempre que possível, procurarei utilizar formas lúdicas que utilizem habilidades motoras próximas dos conteúdos da aula.

Durante o decorrer das aulas, procurarei posicionar-me de maneira a ter o maior número de alunos no meu campo de visão, circular pelo espaço de aula de forma imprevisível para os alunos e informá-los sobre a qualidade da sua prestação e encorajá-los para a prática;

Nos períodos dedicados à Instrução, procurarei minimizar o tempo passado em explicações, dando prioridade ao tempo que os alunos passam na atividade motora. Envidarei esforços para individualizar os feedbacks emitidos e procurarei evitar linguagem estereotipada. Utilizarei também o questionamento como método de controlo e de verificação de conhecimentos dos alunos.

Na parte final de cada aula procurarei fazer a revisão dos conteúdos e objetivos, bem como a extensão aos conteúdos a abordar na aula seguinte. A parte final das aulas será reservada para exercícios de alongamentos como forma de relaxamento muscular e retorno à calma. Será também utilizada para refletir sobre os conteúdos abordados durante a aula. Nesta parte da aula será também realizada a arrumação do material utilizado na aula. Esta arrumação ficará a cargo dos alunos, com a supervisão do professor.

Os alunos impedidos de realizar a prática, por doença prolongada ou pontual, terão tarefas específicas durante as aulas, como relatórios de aula (descrição das tarefas, principais componentes críticas, esquemas), avaliações aos colegas (descrição do modo de executar as tarefas, principais dificuldades, avaliação qualitativa dos colegas de turma), ajudas, organização da aula e trabalhos escritos sobre as unidades didáticas abordadas.

Anexo 10 – Mapa de rotação de espaços

PAVILHÃO 1				
Seg	Ter	Qua	Qui	Sex
5A	6B	11A	7D	10B
5A	6B	11A	7D	10B
INTERVALO				
11A	10B	12A		12A
11A	10B	12A		12A
INTERVALO			9D	
6B	8E	5D	9D	7A
		5D		
ALMOÇO				
7A	7D		5D	8E
7A	9D		5A	8E

PAVILHÃO 2				
Seg	Ter	Qua	Qui	Sex
M1A	11C	8C	6D	MO2
M1A	11C	8C	6D	MO2
INTERVALO				
6A	12B	5C		8B
6A	12B	5C		8B
INTERVALO			12B	
6D	8B	11C	12B	8C
		11C		
ALMOÇO				
9A	9A		6A	9C
9A	9C		5C	9C

Sala de Ginástica				
Seg	Ter	Qua	Qui	Sex
11B	7B	5B	8A	10A
11B	7B	5B	8A	10A
INTERVALO				
6C	10A	11B		C2A
6C	10A	11B		C2A
INTERVALO			C1A	
7B	7C	8D	C1A	8D
		8D		
ALMOÇO				
7C	8A		5B	9B
7C	9B		6C	9B

PAVILHÃO 4				
Seg	Ter	Qua	Qui	Sex
INTERVALO				
INTERVALO				
	P3A			
	P3A			
ALMOÇO				

Ana Cristina

Ana Vicente

Firmino Pires

Francisco Cardoso

Nelson Matos

Nuno Amado

Paulo Gonçalves

1ª Rotação	2ª Rotação	3ª Rotação	4ª Rotação
15 de Setembro à 28 de Outubro	31 de Outubro à 16 de Dezembro	03 de Janeiro à 02 de Fevereiro	06 de Fevereiro à 23 de Março
5ª Rotação	6ª Rotação	Pavilhão 1	Pavilhão 2
10 de Abril à 11 de Maio	14 de Maio à 08 ou 15 de Junho	Voleibol, Atletismo, Andebol, Raguebi	Escalada, Badminton, Futebol, Orientação, Corfebol, Basquetebol

Anexo 11 – Plano de aula

Professor Orientador					Professor Estagiário			
Ano letivo	Período	Aula(s) Nº	Dia	Hora				
Turma	Nº Estudantes	Estudantes Previstos para Prática		Estudantes com atestado médico				
U. Didática		N.º aula(s) U.D.	Total	Local	Duração			
Função Didática								
Objetivo (s) da Aula/Sumário								
Conteúdos								
Recursos Materiais								
Tempo	Tarefas	Objetivos Específicos	Organização	Critérios de êxito/ Componentes Críticas	Estratégia/ Estilos de Ensino	PARTE INICIAL		
						PARTE FUNDAMENTAL		
						PARTE FINAL		
JUSTIFICAÇÃO DO PLANO DE AULA								
REFLEXÃO APÓS A AULA								

Anexo 12 – Avaliação diagnóstica

	Avaliação Diagnóstica de Voleibol			
	ANO:	TURMA:	DATA:	

N.º	NOME	Passé alto de frente	Manchete	Serviço por baixo	Total	Média	%
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
8							
9							
10							
11							
12							

- ❖ **Passé alto de frente:** flexão/extensão de M.S. e M.I., olhar dirigido para a bola com a bola a ser repelida à frente e acima da testa.
- ❖ **Manchete:** semi-flexão de M.I., com afastamento lateral destes, M.S. em extensão e mãos sobrepostas. A bola é contactada nos antebraços.
- ❖ **Serviço por baixo:** um M.I. à frente do outro, com o pé contrário à mão de batimento da bola, à frente e a mão aberta.
- ❖ **Nível 1** - Não executa, não consegue cumprir os princípios básicos correspondentes a ação motora respetiva
- ❖ **Nível 2** - Executa, cumpre os princípios básicos da ação motora respetiva, mas com falhas
- ❖ **Nível 3** - Executa bem, satisfaz os requisitos básicos para um bom desempenho da ação motora

Anexo 13 – Avaliação sumativa

		Avaliação SUMATIVA de VOLEIBOL								
		ANO:		TURMA:		DATA:				
N.º	NOME	Passé alto de frente	Manchete	Serviço por baixo	Serviço por cima	Remate	Total	Média		
1									<ul style="list-style-type: none"> ❖ Passé alto de frente: flexão/extensão de M.S. e M.I., olhar dirigido para a bola com a bola a ser repelida à frente e acima da testa. ❖ Passé alto de frente em suspensão: realiza o passe alto de frente, antecedido de um salto vertical, contactando a bola, no momento em que se encontra no ar. ❖ Manchete: semi-flexão de M.I., com afastamento lateral destes, M.S. em extensão e mãos sobrepostas. A bola é contactada nos antebraços. ❖ Serviço por baixo: um M.I. à frente do outro, com o pé contrário à mão de batimento da bola, à frente e aberta. O movimento do M.S. que contacta a bola é realizado de trás para a frente no sentido ascendente. ❖ Serviço por cima: um M.I. à frente do outro, com o pé contrário à mão de batimento da bola, à frente e aberta. O movimento do M.S. que contacta a bola é realizado de trás para a frente no sentido descendente. ❖ Remate: impulsão vertical com M.I. e contacto na bola com a mão contrária ao pé que se encontra mais avançado. ❖ Bloco: impulsão vertical, com extensão de M.S. e em elevação superior. As mãos mantêm-se abertas com os dedos afastados e os polegares próximos um do outro. 	
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										
12										
13										
14										
15										
16										

*Aluno(a) com atestado médico. **Nível 1** - Não realiza o gesto técnico; **Nível 2** - Realiza o gesto técnico mas notam-se falhas evidentes na sua realização; **Nível 3** - Realiza o gesto técnico, notando-se algumas falhas na sua realização; **Nível 4** - Realiza o gesto técnico notando-se pequeníssimas falhas na sua realização; **Nível 5** - Realiza o gesto técnico com correção.